

ABRINDO HORIZONTES

BREVE BIOGRAFIA DE

*JOSÉ MARÍA
HERNÁNDEZ GARNICA*



José Carlos Martín de la Hoz

ABRINDO HORIZONTES

BREVE BIOGRAFIA DE
JOSÉ MARÍA HERNÁNDEZ GARNICA

JOSÉ CARLOS MARTÍN DE LA HOZ

Tradução/Revisão: Alfonso Fungarinho / Manual Rosas da
Silva

Nota à Edição Electrónica ES

A edição desta breve biografia do Pe. José María Hernández Garnica, “Abrindo horizontes”, foi preparada com cuidado afectuoso, há seis anos, na igreja de Santa Maria de Montalegre, em Barcelona.

Pretendia-se contribuir assim para a difusão da devoção privada a este Servo de Deus, em processo de canonização, tão estimado por estas terras. Acontece a mesma coisa em muitos outros lugares de todo o mundo. Atrevemo-nos a dizer que a Providência dispôs que, logo que foi ordenado sacerdote, em 1944, muitas das suas actividades pastorais tiveram lugar em Barcelona, onde faleceu.

Havia também um interesse acrescentado: entusiasmava-nos pensar que, ao recordar estas circunstâncias, justificar-se-ia ainda mais o facto de que algum dia os seus restos, muito queridos, poderiam repousar nesta igreja tão central de Barcelona, e tão ligada à história da Cidade, para que assim os seus devotos pudessem ir mais facilmente rezar perto dos seus restos mortais.

É motivo particular de alegria dar graças a Deus, porque no passado 11 de novembro de 2011, o então Arcebispo de Barcelona, Cardeal Lluís Martínez Sistach, quis presidir à solene cerimónia da trasladação desses restos mortais para a capela do Santíssimo da igreja de Santa Maria de Montalegre.

Desde então, a afluência dos fiéis foi sempre crescendo. Uns pedem graças pela sua conta e outros por encargo de pessoas de diferentes lugares do mundo que não têm possibilidade de o fazer presencialmente.

Uma vez reeditadas e esgotadas as edições desta breve biografia, em catalão e castelhano, foi preparada esta versão electrónica, de modo que possa ser difundido ainda mais o conhecimento da vida exemplar deste sacerdote, um dos três primeiros que receberam a ordenação no Opus Dei —depois de

S. Josemaria—, e que foram um fiel apoio para ele e para o seu trabalho. Muitas pessoas consideram-no santo e têm a experiência dos muitos favores do Céu conseguidos através da sua intercessão.

Oxalá que também isto possa contribuir para que, se este desejo está nos planos de Deus, brevemente possa ser proclamada pela Igreja a santidade deste Servo de Deus, convencidos de que será para muito proveito das almas.

Apresentação

Abrindo horizontes

Na igreja de Santa Maria de Montalegre acontece a mesma coisa que em muitos outros templos: não se repara em que, ao longo do tempo, passaram por ele muitas almas santas. Desde que estas paredes foram levantadas, visitaram esta igreja e os seus anexos —mais do que centenários— da antiga Casa da Caridade, santos muito conhecidos. Um deles, muito próximo de nós, é S. Josemaria Escrivá de Balaguer. Aconteceu na sua estadia na Catalunha, em fins de novembro de 1972, na viagem de catequese pela Península Ibérica, para estar perto das pessoas que participavam nas actividades de formação do Opus Dei. Naqueles dias pôde estar algum tempo com um seu filho, que muito estimava, que sofria de uma grava doença, já em fase terminal. Era José María Hernández Garnica, um Engenheiro de Minas e Doutor em Ciências, que foi ordenado sacerdote em 1944, juntamente com Álvaro del Portillo e José Luis Múzquiz. O Fundador do Opus Dei ficou muito comovido naquela visita. Sabemos que sempre, e sobretudo naqueles dias, o tinha muito presente nas suas intenções; que rezava por ele, e fazia rezar os outros.

Temos motivos para pensar que naquela ida a Montalegre, a 28 de novembro, quando se dirigiu para o templo desde o Patio Manning, quer ao entrar na capela do Santíssimo para cumprimentar Nosso Senhor, quer no presbitério, ante a imagem de Santa Maria, muito provavelmente rezaria por ele, já que tinha no coração o sofrimento desse seu filho tão querido. Queremos pensar que, de algum modo, as orações cheias de confiança de S. Josemaria pela saúde da alma e do corpo desse seu filho ficavam também aqui, em Montalegre, enchendo estes espaços.

Há motivos explicáveis para que, entre as publicações de Montalegre, tivéssemos a iniciativa de acrescentar, entre outros,

esta breve biografia do Pe. José María Hernández Garnica. Mas estamos certos de que também ajudou na decisão a convicção de que este homem se esforçou por viver muito bem o espírito que ensinava S. Josemaria, e que o levava a santificar-se nas circunstâncias da própria vida e a ajudar os outros a fazer o mesmo. Assim, também nós procuramos que esta mensagem se ouça no âmbito desta igreja e, desde aqui, se difunda por todo o lado, ao vê-la incarnada na vida de um homem que —sabemos bem— apreciou esta igreja de Santa Maria de Montalegre e todo o trabalho que se procura fazer. Por outro lado, pensámos que a breve biografia de um presbítero exemplar era coisa muito oportuna num Ano Sacerdotal, que convocou felizmente o Papa Bento XVI, com motivo do 150º aniversário do trânsito de S. João Maria Vianney, o Cura de Ars.

Prólogo do autor

Num encontro multitudinário com S. Josemaria Escrivá de Balaguer, na Escola Desportiva *Brafa*, de Barcelona, em novembro de 1972, S. Josemaria interrompeu o fio da conversa para dizer que devia terminar o encontro, porque o esperava um filho seu que estava muito doente e recordou brevemente a vida deste seu filho ao serviço de Deus em Espanha, Inglaterra, Irlanda, França, Alemanha, Suíça, Bélgica e Holanda...

Pouco depois, na conversa que teve com ele, na Cidade Condal, ambos pressentiram que não se veriam mais, mas os dois disfarçaram. Quando acabou o encontro, S. Josemaria disse a um grupo de pessoas da Obra: “Hoje estive com um irmão vosso... Tenho de fazer grandes esforços para não chorar, porque vos amo com todo o coração (...). Há muitos meses que o não tinha visto. Pareceu-me já um cadáver... Trabalhou muito e com muito amor. Talvez o Senhor tenha decidido dar-lhe agora, já, a glória do Céu” [1].

Dias depois, a 7 de dezembro, falecia José María na Clínica Quirón, em Barcelona, após longa e dolorosa doença. No mesmo dia em que lhe chegou a notícia do falecimento de Chiqui, como era chamado familiarmente, o Fundador do Opus Dei rezou um responso e celebrou a Santa Missa em sufrágio por sua alma, com a clara convicção de que estava na companhia de Deus. A seguir, aconselhou os que estavam com ele que se encomendassem a José María.

Desde 1935, ano em que José Maria pediu a admissão no Opus Dei, tentou identificar-se com o que Deus lhe pedia. A partir de 1957 percorreu diferentes países de Europa, sob orientação de S. Josemaria, para levar a semente da Obra a pessoas de toda a classe e condição.

Depois da canonização do Fundador do Opus Dei, realizada por S. João Paulo II, a 6 de outubro de 2002, destaca-se com especial relevo a vida de muitos homens e mulheres que se

santificaram seguindo o seu exemplo e os seus ensinamentos. Na homilia desse dia, o Santo Padre disse: “O trabalho e qualquer outra actividade desenvolvida com a ajuda da Graça convertem-se em meios de santificação cotidiana. (...) Seguindo as suas pegadas, difundi na sociedade, sem diferenciar a raça, a classe, a cultura ou a idade, a consciência de que todos estamos chamados à santidade”.

Nestas linhas aproximar-nos-emos da figura de José María Hernández Garnica. Descobriremos na sua existência a apaixonante aventura da santidade na vida corrente e, seguramente, aprenderemos a fortalecer o nosso esforço por cumprir a vontade de Deus no dia a dia.

[1] Tirado de Pilar URBANO, *El hombre de Villa Tevere*, Plaza Janés, Barcelona 1993, pg. 265.

1- Nascimento e juventude

José María Hernández Garnica nasceu em Madrid, a 7 de novembro de 1913, numa família cristã. O seu pai, José María Hernández Delás, tinha nascido em Valência e era Engenheiro Civil. Trabalhou na empresa *Electra*, da capital de Espanha, até que, em 1920, foi promovido a Inspector del Cuerpo de Ingenieros. Desde 1929 fez parte do Conselho de Obras Públicas do Ministério de Fomento. Faleceu em 1934. A sua mãe era Adela Garnica Echevarría, senhora de categoria humana e cristã, dotada de grande fortaleza de carácter, que transmitiu aos seus filhos. Nasceu em Madrid em 1873 e faleceu em 1964, aos 91 anos de idade. Casaram a 10 de abril de 1899, no Paço Episcopal de Madrid e abençoou o casamento D. José María de Cos, Bispo de Madrid.

Os seus pais tinham boa posição social e deram uma esmerada educação aos seus filhos. Moravam em Madrid, na rua Recoletos, nº 10, 3º esquerdo, na esquina com a rua Villalar. Posteriormente, mudaram-se para Claudio Coello, nº 23 e, finalmente, para Conde de Aranda, nº 14. Além de José María, que era o mais novo, tiveram outros cinco filhos: Adela (falecida pouco depois de nascer), María de la Concepción, Fernando, María de las Mercedes e María.

Aos quatro dias do seu nascimento, José María foi baptizado na paróquia de S. José. Foi crismado, como era costume na época, aos cinco anos, na capela de Loreto. E recebeu a Primeira Comunhão em 1921, na Paróquia da Concepción, na rua Goya, com os seus colegas do colégio.

Iniciou o liceu em 1923, no Colégio do Pilar, dos Irmãos Marianistas, onde permaneceu até obter o título de bacharelato em Ciências, em julho de 1929. Os seus colegas recordavam-no como aluno bem dotado, simples, confiado e constante, embora rebelde.

Mesmo sendo de natureza algo tímido, tinha muitos amigos, com os que fazia desporto, jogava e partilhava as pequenas e grandes aventuras da infância e da juventude.

Era sobrinho de Pablo Garnica Echevarría (1876-1959), uma das personalidades importantes da economia espanhola da primeira metade do século XX. O pai de José María deslocava-se frequentemente à Alemanha, pela sua condição de Engenheiro da Empresa de Electricidade de Madrid e, depois, como membro do Conselho de Obras Públicas do Ministério de Fomento. Queria que os seus filhos aprendessem alemão. Chiqui convenceu-o de que seria melhor aprender inglês, embora não deixasse de receber aulas de alemão, com as suas irmãs.

Acabado brilhantemente o liceu, decidiu estudar Engenharia de Minas. O seu pai, Engenheiro Civil, pôde influenciar a sua decisão, mas também o seu tio Pablo, que tinha interesses no campo mineiro em Almeria, e o seu primo Gabriel, que já tinha iniciado esses estudos.

Começou então a preparar o difícil acesso à Escola de Engenheiros de Minas, onde as vagas eram limitadas. Como era costume, recorreu a uma Academia especializada nestas matérias. Finalmente, as muitas horas de estudo e as muitas aulas deram o seu fruto. Em setembro 1932, superados os exames de acesso, apresentou um requerimento para ser admitido na Escola de Engenheiros de Minas.

Como recordava anos depois, no último exame encontrou Álvaro del Portillo, que tinha menos um ano do que ele e que já conhecia do Colégio do Pilar e dos seus jogos de infância na rua Conde de Aranda, em Madrid, onde ambos viviam. Álvaro apresentou-se simultaneamente para Engenharia de Minas e Engenharia Civil.

Fez muitos amigos na Escola de Minas e aplicou-se seriamente aos estudos. Superou as disciplinas na convocatória ordinária de junho. Pelas suas qualificações, ficou entre os melhores alunos do ano. Depois da guerra, no ano de 1939 a março de 1940, acabou o curso com o nº 3 e a qualificação de

Muito Bom. Tinha especial gosto pela Geologia e, pouco depois, obteve a Licenciatura em Ciências Naturais.

Além dos seus estudos científicos, interessou-se ao longo da sua vida pela leitura e por conseguir uma ampla cultura. Adolfo Llorente, que se deu com ele nos últimos meses da sua vida, em Barcelona, recorda: “A sua firmeza de carácter, a sua simpatia e o seu espírito de serviço, que continuamente demonstrava, faziam dele um homem agradável e atractivo; ao mesmo tempo, era engenhoso e divertido, pelo que estávamos muito à vontade com ele e era sumamente grata a vida familiar com ele. Também contribuía para isso a sua aguda inteligência e vasta cultura, com conhecimentos que superavam amplamente o seu âmbito profissional e se estendiam a matérias muito diversas: engenharia, ciências naturais, arte e literatura”.

Não era muito desportista, embora gostasse do futebol. Em 1926, quando saía dum estádio, deu uma queda e, como consequência, sofreu a atrofia de um rim, que seria finalmente extirpado em 1940.

Passava os verões em Noja, Santander, onde muitos membros da família tinham casa. Na do seu tio Pablo Garnica, a Casona, havia uma ampla capela onde cabiam todos, incluídos tios e primos. Divertia-se muito em Noja, pois gostava de dar grandes passeios, especialmente à beira-mar. Era tímido e é recordado como calado e observador. O contacto com a natureza e com aquele ambiente, também deve ter influído na escolha do curso; era muito amante do campo e do ar livre.

Numa dessas temporadas, a 28 de agosto de 1934, faleceu repentinamente o pai de José María, por causa de uma peritonite. Este falecimento inesperado foi um duro golpe, fê-lo pensar e levou-o a reconsiderar o sentido da sua existência e a necessidade de estar mais perto de Deus. Até esse momento, a sua vida espiritual era a normal dos jovens católicos da época: algumas orações ao longo do dia e assistência à Missa dominical, com os pais. Tal como muitos alunos do Pilar, pertenceu à Congregação Mariana do Colégio.

Tinha acabado o segundo ano na Escola de Minas e naquele outono conhecerá o Fundador do Opus Dei. Deus encaminhará, através desse espírito, os desejos de conversão e de melhoria espiritual que brotaram no seu interior por ocasião da morte do seu pai.

2- Descoberta da chamada de Deus

Pouco tempo depois de perder o seu pai, já de volta para Madrid, José María foi convidado a visitar a Residência DYA, através de Mateo Azúa, colega da Escola de Minas. DYA era uma iniciativa iniciada por S. Josemaria Escrivá para promover o trabalho apostólico entre os universitários e melhorar a formação dos primeiros fiéis do Opus Dei. As siglas significavam Direito e Arquitectura, mas para o Fundador e os que o seguiam tinham um sentido mais profundo: Deus e Audácia [2]. Ali estudava-se, davam-se aulas de formação cristã e animavam-se os jovens a santificarem o trabalho e a crescerem no amor de Deus.

Assim, no outono de 1934, José María Hernández Garnica conheceu o Opus Dei e o seu Fundador. Mal entrou na casa, S. Josemaria cumprimentou-o e disse-lhe: “Olá, Chiqui, muito bem! Olha, pega neste martelo e nuns pregos e vai cravá-los lá para cima” [3]. Este gesto caiu bem a José María e, desde esse momento, sentiu-se muito bem acolhido, como na sua casa, a fazer um conserto doméstico.

A partir daquele dia começou a ter direcção espiritual com o Padre —assim chamavam ao Fundador do Opus Dei— e frequentou os meios de formação cristã que se davam na Residência.

As suas conversas com S. Josemaria, os tempos de oração, as horas de estudo e o relacionamento com os outros estudantes que frequentavam DYA, foram calando fundo na sua alma. Anos mais tarde escreveu uma meditação, em que recordava os primeiros meses na Residência da rua Ferraz: “Tinha nascido numa família cristã e tinha recebido educação complementar num colégio dirigido por religiosos. Quando já tinha vinte anos fui pela primeira vez à Residência de estudantes da Obra e ali descobri um mundo novo —não estou a falar da vocação para o Opus Dei— que consistia em dar sentido à vocação e às virtudes cristãs, em aprender a tratar a Deus até alcançar o conceito de filho de Deus. E, nisso tudo, uma lenta, mas constante, ascensão nas

virtudes cristãs. (...) Quer dizer, que aprendemos (...) a tratar a Deus —a falar com Deus— a conhecer a amorosa Providência divina que nos levava à filiação divina; o sentido sobrenatural do trabalho, que dava um sentido cristão à nossa vida. E isso tudo, respirando uma ar de amizade que nos ensinava a ser humildes, desconfiando de nós mesmos, mas que abria um panorama ao descobrir a alegria de dar” [4].

Nestas simples palavras autobiográficas, Chiqui resumiu a formação pessoal que se dava na Academia DYA. O clima de exigência e serenidade no estudo era um remanso de paz numa sociedade que se ia alterando: em 1935 sucediam-se as greves, os movimentos estudantis, as desordens, as altercações nas ruas...

Gostou especialmente do ambiente de alegria que se respirava na Residência e o respeito pelas opiniões dos outros. Ao longo da sua vida recordou muitas vezes que S. Josemaria fez com que escrevessem, emolduradas, as palavras do Mandamento do Amor, tiradas de S. João (Jo 13, 34-35). Desse modo metia-se nas almas daqueles estudantes a necessidade de se quererem bem e de compreenderem os pontos de vista dos outros.

Ia aprofundando na sua vida espiritual com as práticas que lhe indicava S. Josemaria. Aprendeu a fazer o oferecimento de obras e a lutar por ter presença de Deus durante o dia. Rezava o Terço e fazia um tempo de oração mental de manhã e à tarde. Integrou na sua vida pequenas mortificações habituais e também penitências corporais. Muitas vezes exigia-lhe esforço, mas não lhe faltava a rijeza e a generosidade necessária para as cumprir. Assim, para assistir à Santa Missa, tinha de madrugar muito e percorrer alguma distância. Ia diariamente, às sete da manhã, à igreja do Cristo de la Salud, na rua Ayala, e seguia depois para as aulas na Escola de Minas, situada em Ríos Rosas. O plano de vida que lhe ia indicando S. Josemaria ajudava-o a encontrar Deus no meio das tarefas quotidianas.

A vida de José María decorria serenamente nesse clima de oração e formação, de alegria e de intenso trabalho. Pouco a

pouco, Deus foi entrando com mais intensidade na sua alma, até ele descobrir que lhe pedia a entrega de toda a sua vida no Opus Dei. Decidiu responder à chamada de Deus no dia 28 de julho de 1935.

José María, nos últimos dias antes de incorporar-se na Obra, recordava a vibração apostólica de Álvaro del Portillo, que já tinha dado esse passo a 7 de julho desse ano: “Tendo á frente a pequena gravura de Cristo na barca com os Apóstolos, com o texto de S. Marcos, capítulo 1, versículo 16, escrito por punho e letra do Padre, ele fazia comentários *ad hoc* para que me decidisse a servir a Deus” [5]. Álvaro del Portillo também vivia na rua Conde de Aranda e frequentemente voltavam juntos, à noite, às suas respectivas casas. Toda a sua vida guardará na alma o agradecimento e a veneração por D. Álvaro, que considerou um exemplo de santidade e entrega no Opus Dei.

Desde então aumentou a preocupação apostólica pelos seus amigos. Chiqui era mais um entre os que frequentavam a residência de Ferraz, e convidava os seus amigos para ali receberem formação cristã. Fazia rir a todos com o seu bom humor e as suas frases castiças madrilenas.

O clima de violência que caracterizou a pré-guerra civil acentuou-se nos primeiros meses do novo ano. Depois das eleições de fevereiro de 1936, ganhas pela Frente Popular, multiplicaram-se as greves e os enfrentamentos de rua. Nesse ambiente, longe de paralisar a vida da Residência, o Fundador animava-os a continuar a santificar o trabalho corrente e a realizar um intenso apostolado pessoal.

A responsabilidade de ser dos primeiros era algo que sempre lhe espicou a consciência, para viver fielmente os compromissos que tinha adquirido. Por outro lado, sempre esteve agradecido a Deus por ter aprendido o espírito do Opus Dei directamente do seu Fundador. Assim o escreveu anos mais tarde: “pudemos conhecer o nosso espírito no convívio com o Padre. Desfrutando das primícias que a acção do Espírito Santo foi pondo na sua alma. Soube formar as pessoas, fomentar e desenvolver a nossa personalidade, dar-nos segurança na

vocação e fazer-nos ver nele, mais do que um director ou um guia, um autêntico Pai que nos levava a amar a Deus e à sua Igreja, apesar da nossa resistência e das nossas infidelidades, tendo fé no Padre, que era o nosso caminho e a nossa luz na vida” [6].

Chiqui descobriu logo o espírito de família que se vivia no Opus Dei desde o princípio, e agradeceu-o toda a sua vida. S. Josemaria reunia os primeiros que se aproximaram dele, no começo, na casa da sua mãe e depois na Academia DYA ou em Ferraz. Sempre, da decoração até ao modo de os formar, o ambiente revelava um intenso calor de lar, simples e familiar. Recordava-o anos depois: “Deus teria podido chamar-nos para servi-Lo nesta vida contemplativa no meio do mundo e para difundir este espírito entre todas as pessoas, dando-nos as graças e a formação necessária para cumprir o nosso fim, sem nos ter dado tantas compensações. Por exemplo, o facto de pertencer a uma autêntica família, onde constantemente nos sentimos e somos estimados” [7]. Nas tertúlias dos domingos, ao lanche, e em muitas outras alturas, S. Josemaria aproveitava para abrir os horizontes apostólicos daqueles primeiros e para lhes dar uma intensa formação espiritual, num clima de carinho mútuo.

Quando chegou o fim do ano lectivo de 1936, José Maria estava a cumprir o serviço militar. Nos meses de junho e julho conseguiu facilmente uma licença para realizar os exames do 4º ano e as viagens de estudo.

Aqueles calorosos dias do mês de junho, politicamente agitados, eram de especial agitação na Academia DYA. Estavam a mudar-se de Ferraz 50 para Ferraz 16, um prédio onde teriam mais espaço para o trabalho apostólico. No dia 18 de julho rebentou o levantamento militar, que em Madrid teve especial incidência no Cuartel de la Montaña, situado em frente da Residência. Mas eles passaram todo o dia a trabalhar e atentos às notícias. No dia 19 continuaram a pendurar molduras e candeeiros. O Fundador do Opus Dei dirigiu-lhes a meditação. Nessa tarde, no regresso às suas casas, tiveram que esquivar-se a vários controlos. Entretanto, as milícias populares tinham-se

armado e preparavam o assalto ao Cuartel de la Montaña. Naquela noite houve tiros cruzados e no dia seguinte foi tomado o Quartel. S. Josemaria abandonou a Residência vestido com um fato-macaco que Chiqui usava para os arranjos caseiros.

Tinha começado a guerra civil espanhola, que se prolongará durante quase três anos.

[2] Cf. Andrés VÁZQUEZ DE PRADA, *El Fundador del Opus Dei*, ed. Rialp, Madrid 1997, Vol. I, pp. 508-519.

[3] Tirado de Andrés VÁZQUEZ DE PRADA, *El Fundador del Opus Dei*, op. cit., Vol. I, p. 527

[4] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 8-V-1972, AGP, JHG, E-00069, pág. 2.

[5] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 19-II-1972, AGP, JHG, E-00061, p. 2.

[6] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 21-IV-1972, AGP, JHG, E-00066, p. 1.

[7] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 28-II-1972, AGP, JHG, E-00063, p. 1.

3- A guerra civil espanhola

Quando a guerra rebentou, Chiqui não se incorporou ao seu regimento, que tinha aderido à sublevação militar, e escondeu-se na casa do seu tio Pablo Garnica, na rua Jorge Juan 5. Ali esteve com o seu irmão Fernando e vários primos seus: Pepe Garnica, Manolín Morales e Ricardo Garnica, todos eles em idade militar. Esconderam-se para não serem recrutados pelo exército republicano. A situação de Chiqui era mais grave, pois já estava incorporado nas fileiras, e podia ser considerado desertor. Passado pouco tempo, os milicianos revistaram a casa e confiscaram o andar. Chiqui e os restantes refugiados puderam fugir pelo jardim interior do edifício e chegar à rua Goya, onde se dispersaram.

Desde os primeiros dias da guerra começaram as revistas domiciliárias. Em primeiro lugar, pela aparição dos franco-atiradores e depois pela procura dos inimigos da causa ou dos amigos dos insurrectos. Ao mesmo tempo intensificou-se uma cruel perseguição religiosa, inspirada por um ódio furioso, superior ao que se conhecia até então. O furor das massas dirigiu-se inicialmente contra a Igreja: os sacerdotes e religiosos foram perseguidos e assassinados, e as igrejas e conventos incendiados e destruídos.

José María refugiou-se então na casa da sua mãe, na rua Conde de Aranda. Numa das suas raras saídas teve a sorte de encontrar na rua Álvaro del Portillo. Chiqui estava nervoso e desconcertado pela situação. Álvaro orientou-o e fortaleceu-o nas suas convicções. José María recordou toda a sua vida aquela conversa e outras que terá depois, na cadeia de San Antón, onde se encontraram novamente nos seguintes meses de dezembro e janeiro.

Nos primeiros dias de outubro, conseguiu recuperar o contacto com o Fundador da Obra e abrir a sua alma. Mas José María foi denunciado, pouco depois, pelo porteiro da quinta: foi

detido a 10 de novembro de 1936 e ingressou na “Cárcel Modelo”.

Acusado de desafeição ao regime, foi condenado à morte em fins de novembro por um tribunal popular. José María passou para a prisão de San Antón. Foram dias de uma tensão imensa. Tiravam as pessoas da cadeia de modo indiscriminado para os fuzilar: Chiqui viu a morte muito próxima.

A 27 de novembro foi incluído numa das listas de presos com destino ao fuzilamento. Mas salvou-se milagrosamente no último momento: quando estava para subir ao camião, foi afastado dos restantes. Ficou à disposição do Tribunal de Repressão do Fascismo, que o condenou, em dezembro, a oito meses de cadeia. Anos depois, contava-o na Alemanha, e assim o recorda Alfonso Par Balcells, um dos que o ouviram: “Talvez os sofrimentos durante os meses de cadeia, na guerra civil espanhola, lhe deixaram como que um selo gravado no coração. Ter visto a morte tão certa e tão próxima, seguramente abriu-lhe os olhos sobre a pouca entidade das coisas terrenas. O Pe. José María no-lo contou algumas vezes na tertúlia: estava condenado à morte e já tinha subido ao camião com todos os outros para serem fuzilados, quando um dos carcereiros lhe disse: — Tu, desce daí. Assim o salvou. Todos os outros foram fuzilados. Penso que estas experiências talvez contribuíssem para que o Pe. José María estivesse tão desprendido de todas as coisas terrenas e até da própria vida”.

Parece ser que as diligências feitas pelo sogro da sua irmã María, José Temes, Magistrado do Tribunal Supremo, deram resultado: conseguiu que fosse convocado para ser julgado. Quando a sua mãe soube que, no mês de dezembro, tinha começado a normalizar-se a situação na cadeia e que se iam cumprir as penas, sem mais fuzilamentos, pensou: “Chiqui salvasse. Vê-se que Deus o quer para alguma coisa importante na vida.”

O Padre e Isidoro, logicamente, estavam preocupados por ele. As visitas de Isidoro à cadeia de San Antón eram frequentes e consoladoras. Os diários que se conservam daqueles dias dão

nota do seu aspecto desmelhorado: a afecção do rim, unida ao amontoamento, à precária alimentação e ao mau tratamento, iam fazendo moosa na sua saúde. Encontravam-se na Biblioteca da cadeia, onde falavam e rezavam juntos alguns minutos.

No dia 5 fevereiro foi confirmada a sentença e foi deslocado para Valência. Efectivamente, pelas 3 da manhã do dia 6 de fevereiro saiu para a capital levantina. Formou parte do quarto envio de presos para essa cidade. Os três anteriores não chegaram à cidade do rio Túria, porque os 28 detidos foram fuzilados pelo caminho. Em Valência esteve encarcerado na Cárcel Modelo.

As pessoas do Opus Dei que viviam em Valência esforçaram-se por visitá-lo e levar-lhe alimentos. As estreitezas da prisão eram excessivas e puseram à prova a sua rijeza. Juntamente com os pacotes de alimentos, básicos para a sobrevivência, fizeram-lhe chegar também notícias de S. Josemaria, essenciais para a sua vida interior naquela difícil situação.

Enquanto permaneceu na cadeia de Madrid, Chiqui esteve preocupado por sua mãe e por seus irmãos. Isidoro Zorzano visitava-os, levando notícias e esperanças a uns e outros. Adela Garnica, mãe de José María, lembrava, anos depois, que Isidoro se interessou muito por libertar o seu filho; chegou a conseguir que o declarassem doente e que o admittissem num sanatório, mas não pôde ir porque o deslocaram para Valência: “Vinha ter connosco e consolar-nos, trazendo-nos sempre notícias satisfatórias, e quando lhe dizíamos que arriscava muito, dizia que ele não tinha nada a temer por ser súbdito argentino; quando todos sabíamos que a muitos estrangeiros o facto de o serem não os tinha defendido da morte”. Quando o deslocaram para Valência, Isidoro continuou a visitar a família, transmitindo as novidades que lhe chegavam de José María. No diário que fazia Isidoro Zorzano anotou as preocupações de S. Josemaria, e de sua mãe e de seus irmãos para encontrarem um lugar onde levar José María quando terminasse o período de reclusão.

Finalmente, depois de cumprir a sua condenação, foi libertado a 30 de junho de 1937. Dirigiu-se para a casa de

Francisco Botella, onde conversaram amplamente. A 6 de julho partiu a caminho de Alcalalí (Alicante), onde estava Rafael Calvo Serer, um dos primeiros valencianos a pedir a admissão no Opus Dei. Poucos dias depois, regressou a Valência.

Depois de várias diligências, no dia 24 de julho optou por ir trabalhar para as minas de Rodalquilar, em Almeria, com um primo seu, Gabriel Garnica, engenheiro da exploração. Já a 14 de Agosto foi recebida em Madrid uma carta de Francisco Botella, na qual dizia que José María devia deixar a mina, porque a sua vida estava em perigo. Efectivamente, permaneceu apenas umas semanas, já que alguns operários lhe prepararam uma emboscada em que esteve quase para morrer. Fugiu da terra de noite e voltou para Valência. Lá visitou um amigo de um tio seu, que era o Coronel Chefe do recrutamento de Valência. Foi muito bem recebido e facilitou-lhe a incorporação no exército republicano. Destinaram-no às transmissões, em Madrid, onde chegou a 21 de agosto de 1937.

O comportamento descontrolado das milícias revolucionárias na capital tinha diminuído consideravelmente e podia-se circular com mais tranquilidade. A 23 de agosto, à primeira hora da manhã, José María foi cumprimentar o Padre, que estava refugiado na Legação das Honduras. O encontro foi muito emocionante. O Fundador do Opus Dei achou-o muito gasto, como, de resto, estavam todos. Conversaram calmamente e, no fim da conversa, Chiqui recebeu a comunhão das mãos de S. Josemaria. A 27 de agosto, José María incorporou-se no seu destino, no corpo de transmissões. O seu horário de trabalho permitia-lhe reunir-se quase diariamente com Isidoro e os outros: conversavam e rezavam juntos algum tempo.

Em fins de agosto conheceu a mãe do Fundador do Opus Dei, Dona Dolores Albás, que, desde tempo atrás, era a “Avó” para os filhos espirituais de S. Josemaria. Recordava-o Chiqui: “Conheci a Avó no fim de agosto de 1937, quando vivia durante a guerra civil espanhola na rua Caracas nº 30”. E acrescentava depois: “Alguns poucos irmãos nossos puderam conhecer e conviver com a Avó. Este dom de Deus permitiu-nos admirar as virtudes cristãs da mãe do Padre e ver a sua delicadeza, a sua

generosidade e a realidade do seu serviço ao Padre, à Obra e a todos os filhos que teve ocasião de conhecer. Isso tudo, com uma delicadeza e uma naturalidade que fazia com que nos estimasse como uma avó estima os seus netos, de um modo espontâneo e natural. Todavia, fez este serviço aos seus netos e à Obra com tal categoria que sabia estar sempre no seu lugar, sem se intrometer na vida da Obra, nem na nossa vida espiritual e apostólica, e, no entanto, estava sempre tão próxima de nós que ficava à nossa disposição para qualquer serviço, para ter um pormenor de carinho connosco: uma guloseima que nos guardava, uma palavra carinhosa, uma preocupação pela nossa saúde, uma peça de roupa de agasalho que as suas mãos trabalhadoras — que nunca estavam ociosas— nos tinham confeccionado, etc.” [8].

Naquele tempo, José María também teve oportunidade de conhecer a irmã do Fundador da Obra, tia Carmen, e começou a chamá-la assim desde então. Toda a sua vida sentiu um grande carinho, admiração e agradecimento por ela. Numa das suas meditações, escrita em 1972, dirá: “Terminada a guerra, tivemos ocasião de dar-nos conta, admirar e estimar a família do Padre, e se me perguntares que recordações de tia Carmen me ficaram mais gravadas, dir-te-ei: a sua fidelidade ao Padre; a sua abnegação —que fazia com que servisse até limites que hoje me parecem inverosímeis— e o seu grande coração para amar os da Obra, carinho que sabia fazer compatível com uma grande fortaleza” [9].

Aqueles dias foram especialmente alegres, por ter recuperado boa parte da sua liberdade. No dia 1 de setembro jantou com S. Josemaria e alguns outros na casa de Isidoro. Essas reuniões repetiam-se periodicamente e ajudavam a sonharem juntos com a expansão do Opus Dei. José María recuperou as suas forças. Isidoro, com sentido do humor, escreveu no diário: “Chiqui, embora tenha muito serviço, não tem trabalho; se acrescentarmos que almoça duas vezes por dia, uma vez no quartel e outra na sua casa, está-se a desferrar e, coisa rara neste tempo, está a ficar cheiinho”.

No dia 8 de outubro de 1937 o Fundador do Opus Dei foi a Barcelona para começar a passagem para a outra zona de guerra através dos Pirenéus. Custou-lhe deixar a mãe e os irmãos e os da Obra que estavam em Madrid, mas a esperança de retomar o exercício do ministério sacerdotal em liberdade, e cumprir mais eficazmente a sua missão, finalmente o encorajou a dar esse passo. Isidoro ficou em Madrid como Director para cuidar das pessoas que ali permaneciam.

Chiqui foi destinado, a 22 de novembro, a Baza (Granada), no corpo de intendência, onde permaneceu até ao fim da guerra. Ia a Madrid periodicamente, e falava demoradamente com Isidoro e com os que ficaram na capital. Isidoro Zorzano, como Director, escrevia-lhe com frequência, procurava um sacerdote para o confessar quando vinha a Madrid, enviava-lhe pontos de meditação e visitava a sua família. Chiqui aprendeu muito da fortaleza espiritual de Isidoro, e da sua disposição de entrega total aos outros.

Nessa temporada Chiqui passou por momentos de decaimento, que se reflectia, por exemplo, nas poucas cartas que escrevia. Às vezes compensava-o com extensas missivas que alegravam muito a todos. Anos depois recordava que os conselhos de Isidoro foram determinantes para a sua vida espiritual, precisamente naquelas circunstâncias difíceis para viver a sua entrega a Deus.

Aqueles longos meses de guerra foram também esgotantes, pela tensão que existia entre as desmoralizadas tropas republicanas numa frente morta, à qual apenas chegavam notícias manipuladas pela propaganda. Para José María não foi nada fácil disfarçar os seus verdadeiros sentimentos naquele ambiente.

No dia 1 de abril de 1939 terminou a guerra. O Padre entrou na capital de Espanha a 28 de março com as primeiras tropas. Começava novamente a reconstruir-se o trabalho apostólico do Opus Dei.

Nessas datas, José María estava no seu destino. No começo de abril, a sua prima Rosario Garnica foi, num carro do Banco

Español de Crédito, a Rodalquilar (Almeria) para estar com o seu irmão Gabriel. Dois irmãos de ambos tinham morrido na guerra, e Rosario quis dar-lhe a notícia pessoalmente. Nesse carro, os dois irmãos foram a Granada, procurar José María, que tinha sido para ali deslocado, preso, com o seu regimento. Finalmente, os três chegaram a Sevilha.

Desde Sevilha, Chiqui deslocou-se a Vitória, onde estavam sua mãe e seus irmãos. Depois foi para São Sebastião, e lá se incorporou no exército, à espera de passar para a disponibilidade definitivamente.

[8] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 21-IV-1972, AGP, JHG, E-00066, p. 1.

[9] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 20-VI-1972, AGP, JHG, E-00073, p. 1.

4- Madrid 1939-1944

Esgotado após o conflito bélico, e minada a sua saúde e o seu ânimo, José María continuou em San Sebastian, onde preparava os exames de Engenharia. Viveu durante alguns meses numa pensão. Toda a vida recordará a ajuda que, para fortalecer o seu ânimo, lhe deu S. Josemaria numa carta datada a 27-IV-1939: “Caríssimo Chiqui: pelos teus desejos poderás deduzir os que eu tenho de abraçar-te e conversar. Se precisas de mim, farei logo uma viagem nem que seja ao fim do mundo. Tu és quem tem a palavra. Anima-te. Depois do que sofreste (...) precisas de recompor-te. Depois... já vais ver como reages bem e trabalhas bem! Ânimo: garanto-te que, se cumprires o plano de vida que te dei, (...) terás mais experiência e mais rijeza para continuar a trabalhar.” [10].

No dia 18 de maio de 1939 foi visitá-lo Francisco Botella, desde Burgos, enviado por S. Josemaria. Foi a San Sebastian e apresentou-se na pensão. Animou-o a ir a Madrid. A resposta foi negativa. Tal como evocava anos depois Francisco Botella: “parece-me que estou a ver aquele quarto e Chiqui em silêncio e pensativo, enquanto mordida o lábio, nesse seu gesto tão característico. Eu falava-lhe do Padre, de cada um dos da Obra, tentando que na minha conversa viessem ao de cima as Normas do plano de vida”. Quando Francisco chegou a Madrid, o Fundador da Obra perguntou-lhe pelo resultado da sua visita à capital de Guipúscoa. Ouvia em silêncio e não disse nada, num gesto de serena esperança.

Graças a Deus, Chiqui foi a Madrid em julho. Contou ao Padre a situação da sua alma, e saiu dessa conversa com uma determinação clara, firme e generosa. Seguramente, pelo sofrimento interior que sentiu em consequência daquelas vacilações, ficou gravada na alma de Chiqui a necessidade de dedicar-se a ajudar espiritualmente os que davam os primeiros passos na sua entrega a Deus e quem passasse por uma fase de obscuridade no caminho.

Por esses dias de julho de 1939, finaliza a instalação de uma Residência de estudantes na rua Jenner nº 6. A 6 de agosto, o Fundador abençoa a nova sede. José María colaborou nos trabalhos, enquanto preparava os seus exames. Às tardes ajudava activamente na tarefa apostólica com a gente jovem. Relatava Francisco Botella: “Passava o dia em Jenner, fazia muito trabalho apostólico, com o talante e sentido prático que Deus lhe tinha dado”.

Em setembro começou o curso acelerado na Escola de Minas para recuperar o tempo perdido durante a guerra, que terminou brilhantemente em março de 1940, depois de ter assistido às aulas com regularidade. A seguir, começou a realizar a Memória de Investigação.

Iniciou também o curso de Ciências Naturais em setembro de 1939. Nesse mesmo mês fez exame de sete disciplinas, que passou com facilidade. No ano lectivo 39/40, entre as chamadas de março e junho superou mais 11 disciplinas. E no ano 40/41 frequentou mais duas, apesar de ter estado convalescente de uma doença e de realizar Projecto Fim de Curso de Engenharia de Minas. No ano 1941/42 terminou as três disciplinas que lhe faltavam, depois das equivalências correspondentes com a Escola de Minas. Entre esse ano e o seguinte realizou, com boas qualificações, as disciplinas do doutoramento, que concluiu a 24 de abril de 1944. Nessa altura, começou a trabalhar na Electra madrilena, onde tinha trabalhado o seu pai.

S. Josemaria tinha pedido aos mais antigos no Opus Dei, em fevereiro de 1940, que se responsabilizassem por dar aulas de formação aos jovens universitários e aos que tinham acabado o curso. Desde esse dia, Juan Jiménez Vargas, Ricardo Fernández Vallespín, Álvaro del Portillo, Chiqui, Pedro Casciaro, Francisco Botella e os outros lançaram-se na aventura de dirigir esses meios de formação, o qual supôs um importante crescimento do trabalho apostólico.

Francisco Ponz, um dos jovens que então conheceram Chiqui, recordava-o assim: “Alto, aparentemente forte, embora a sua saúde não fosse muito boa, cabelo escuro e testa ampla, de

olhos vivos e olhar agudo e brincalhão, era homem de trato simpático e simples. (...) Quando comecei a conhecê-lo, lá no ano 1940, era pessoa de poucas palavras, de conversa feita com frases breves e claras, afastado do discurso longo, da narração prolongada e atraente; e, no entanto, estava-se bem ao pé dele, pela agudeza do seu pensamento, pela nobreza do seu coração e a clareza da sua palavra, cheia de afecto firme e profundo”.

O dia 19 de março de 1940 foi um dia muito especial para José María, porque fez a sua incorporação definitiva no Opus Dei. Pouco depois, na Semana Santa, assistiu ao primeiro convívio de formação intensiva para os fiéis da Obra, que teve lugar em Jenner. Recebeu um forte impulso espiritual e cresceram os seus desejos de santidade. Poucos dias depois foi-lhe pedido para ocupar-se especialmente do apostolado com os universitários que frequentavam Jenner. Francisco Ponz contava daqueles anos: “Homem leal a toda prova, vivia a sua vocação no Opus Dei com fidelidade total ao Senhor e ao Fundador e subordinava a isso tudo o resto. Era decidido, resoluto, nada vacilante ou dubitativo. Qualquer desejo de S. Josemaria que chegasse ao seu conhecimento, incitava-o a agudizar o engenho para o transformar em projectos que, embora fossem humanamente difíceis ou, mesmo à primeira vista, inabordáveis, passavam logo a ser realidades graças ao seu extraordinário sentido prático”.

A saúde de Chiqui tinha ficado deteriorada pelos padecimentos sofridos durante a guerra. As suas afecções renais acentuaram-se. Em julho de 1940 caiu gravemente doente e tiveram que extirpar-lhe o rim esquerdo, que estava atrofiado e aderido ao diafragma. Quando o retiraram, rasgou-se o diafragma, motivo pelo qual o pós-operatório se prolongou mais do que o previsto. A ferida só cicatrizou completamente seis meses depois. O Fundador do Opus Dei preocupou-se de que lhe levassem frequentemente a Sagrada Comunhão e, nalgumas ocasiões, foi ele mesmo quem lha levou.

Estas complicações punham em risco a entrega da Memória de Investigação no prazo previsto. Pediu uma ampliação, mas as autoridades académicas não a concederam. Finalmente,

conseguiu acabar a Memória a 7 de maio de 1941 e obteve a nota máxima.

Entretanto, o Padre nomeou-o Director de um Centro do Opus Dei em Madrid, na rua Lagasca. Passados anos, os que conviveram com José María recordam a sua dedicação. Francisco Ponz assinala: “Quando era Director punha acima de tudo esse trabalho que o Fundador lhe tinha encomendado. Sempre estava disposto a receber-nos, a atender as nossas consultas, sem dar sinais de impaciência ou cansaço. Vivia esquecido de si mesmo, atento às necessidades de todos. Tinha uma caridade firme e sincera para com os outros, profunda, enraizada no amor a Deus, que o levava a querer por cima de tudo —como ele via fazer a S. Josemaria— que fossem santos, que lutassem por serem melhores e mais fiéis cristãos, com a certeza de que, desse modo, seriam também mais felizes na terra e depois sê-lo-iam eternamente no Céu”.

Impressionava a sua capacidade de trabalho, pois compatibilizava os estudos com uma profunda vida de piedade e formação, uma intensa actividade apostólica e o seu trabalho na empresa Electra, indispensável também para sustentar economicamente os apostolados. Além disso, realizava viagens, algumas acompanhando S. Josemaria, para dar andamento à actividade apostólica em várias cidades de Espanha. Só um grande amor a Deus e ao cumprimento da sua Vontade explicam esse forte ritmo.

Anos depois, ele mesmo fez um resumo dessa época: “Aqueles primeiros anos depois da guerra espanhola, em que materialmente houve que voltar a começar de zero, foram anos muito duros, pelas circunstâncias externas em que vivíamos: a perseguição dos bons, com tanta calúnia que pesava sobre a Obra [11]; a falta de meios materiais; e, finalmente, a falta de apoio firme com que tinha que trabalhar o Padre, por serem os primeiros tempos da Obra [12].

Também neste tempo conviveu mais estreitamente com a mãe e a irmã de S. Josemaria, e valorizou o grande serviço à Obra que realizaram na administração dos trabalhos domésticos

dos primeiros Centros e, especialmente, na rua Lagasca, onde ele era o Director: “Nestas condições, a Avó e tia Carmen tomam conta da Administração das nossas casas, o que trazia consigo grande quantidade de dificuldades (...). Em todo o serviço que prestou à Obra, tia Carmen soube estimar os seus sobrinhos e compaginou este carinho com temperamento para evitar todo o infantilismo e para, do seu lugar, fomentar a nossa entrega a Deus” [13].

[10] Josemaria ESCRIVÁ DE BALAGUER, *Carta 27-IV-1939*, AGP, RHF, EF-390427-3.

[11] Cfr. Andrés VÁZQUEZ DE PRADA, *El Fundador del Opus Dei*, op. cit., Vol. II, pp. 467-497.

[12] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 20-VI-1972, AGP, JHG, E-00073, pág. 1.

[13] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 20-VI-1972, AGP, JHG, E-00073, p. 2.

5- Ordenação sacerdotal

José María preparou-se para a sua ordenação sacerdotal desde 1940, e assim o relata em 1972: “O Padre tinha-nos feito ver claramente a necessidade de sacerdotes na Obra, que chegassem ao sacerdócio depois de terem vivido a nossa própria vocação, para ajudarem com a sua pregação à formação dos seus irmãos —seguindo as directrizes assinaladas pelo Padre— e para colaborar na sua direcção espiritual, sobretudo através do Sacramento da Penitência” [14]. Já o tinha anunciado à sua mãe, embora pedindo-lhe discrição, porque a realização dessa possibilidade podia dilatar-se no tempo.

Tornava compatíveis os seus trabalhos com os estudos eclesiásticos, a par de Álvaro del Portillo e de José Luis Múzquiz. A princípio fizeram os exames no seminário de Madrid. Contaram com um excelente professorado, aproveitando também a presença em Madrid de grandes especialistas retidos por causa da Segunda Guerra Mundial.

Entretanto, o Fundador da Obra procurava a fórmula canónica para essa ordenação, dentro do direito vigente na altura. No dia 14 de fevereiro de 1943, no Centro de mulheres do Opus Dei da rua Jorge Manrique, viu a solução durante a Missa: S. Josemaria começou a falar da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. Com a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz —a cujo título se ordenariam os novos sacerdotes do Opus Dei e que formaria parte integrante e inseparável da Obra— tornava-se possível a ordenação sacerdotal de alguns leigos do Opus Dei, que poderiam assistir espiritualmente o resto dos membros e atender as actividades apostólicas por eles promovidas.

Mais tarde, os três que se preparavam para se ordenarem foram visitar o Bispo de Madrid. Tempo depois, D. Leopoldo Eijo e Gary aprovava as Constituições da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. Era o dia 25 de janeiro de 1944 [15]. Os seguintes meses foram de grande intensidade, para ultimar todos os detalhes da ordenação.

A sua preparação intelectual foi muito boa, como reflectem as qualificações que obtiveram os três, incluídas nos processos de ordenações. Ficou demonstrado ao longo da sua vida sacerdotal. Havia uma curiosa excepção: a disciplina de música. Recordava-o anos depois o Fundador da Obra, quando se referiu à primeira Missa solene do Pe. José María: “Que voz tão horrível tinham os três primeiros sacerdotes!: Chiqui incoou o *Te Deum* e o seu padrinho, José María Bueno Monreal, disse que era o primeiro milagre de São Chiqui” [16].

S. Josemaria dirigiu os dias de retiro previstos antes da ordenação, numa zona do Mosteiro de El Escorial, de 13 a 20 de maio de 1944. No dia 20 teve lugar a tonsura no Paço Episcopal de Madrid, de acordo com o estabelecido pelas leis da Igreja naquela época. Depois, nos dias 21 e 23, as ordens menores. A 28 de maio, D. Marcelino Olaechea, Bispo de Pamplona, conferiu-lhes o Subdiaconado, no Oratório de Diego de León. No dia 3 junho, na capela do Seminário de Madrid, receberam o Diaconado, de mãos de D. Casimiro Morcillo, Bispo Auxiliar de Madrid-Alcalá. Finalmente, D. Leopoldo Eijo y Garay oficiou a ordenação de presbíteros a 25 de junho, na capela do Paço Episcopal.

Era a primeira ordenação de fiéis do Opus Dei e foi extremamente cuidada pelo Fundador, tanto pela qualidade dos professores escolhidos, como pela categoria humana e sobrenatural dos candidatos. Tal como indicava José María numa meditação escrita em 1972: “Não pudemos ter melhor mestre para a nossa formação apostólica e espiritual, porque foi o próprio Padre quem se encarregou desta tarefa. Tivemos conversas constantes em que nos ia dando normas e conselhos para o nosso futuro labor sacerdotal. Não me posso esquecer dalguns passeios pelas redondezas de Madrid em que, caminhando, ao entardecer, quando o Padre nos falava do melhor meio de servir a Obra” [17].

Além disso, S. Josemaria quis que os três tivessem um doutoramento, que naquela época apenas se podia conseguir na Universidade Central, após a correspondente licenciatura, pois as Engenharias eram Escolas Superiores especiais. Os Pe. José

Luis Múzquiz e Álvaro del Portillo fizeram-no na Faculdade de Geografia e História e o Pe. José María na de Ciências.

A mãe de Chiqui estava muito comovida. Embora ele a tivesse avisado anos antes, não conseguia acreditar que Deus lhe concedesse a imensa dita de ter um filho sacerdote. Ela ocupou-se do cálice da primeira Missa Solene do seu filho que, posteriormente, foi enviado para Roma, e a escolha do lugar foi um detalhe para com a sua prima Ana, que era religiosa no Colégio da Assunção.

A primeira Missa Solene teve lugar no citado Colégio, na rua Santa Isabel nº 46, a 27 de junho de 1944: acompanharam José María, como padrinhos, dois dos seus professores, o Vigário Judicial da diocese de Madrid, D. José María Bueno Monreal, e o Pe. José López Ortiz, que mais tarde foram Cardeal Arcebispo de Sevilha e Arcebispo Castrense, respectivamente. Assistiram à cerimónia engenheiros e empregados da Empresa Electra, e numerosos amigos e familiares. Depois festejaram no domicílio da sua mãe, na rua Conde de Aranda, onde também assistiram o Fundador da Obra e os dois padrinhos.

Chiqui já era para todos o Pe. José María, embora na sua família o chamassem Pe. Chiqui, com grande veneração. Poucos dias depois, a 30 de junho, deu a Primeira Comunhão ao seu sobrinho Javier. Nalgum ano chegou a estar dois ou três dias com toda a família em Noja, onde conseguia vê-los a todos. Costumava celebrar a Santa Missa na Casona de seu tio Pablo Garnica, que tinha uma linda capela.

O Pe. José María procurava que a sua mãe, que viveu muitos anos, colaborasse nas coisas do Opus Dei: sugeria-lhe, por exemplo, que rezasse pelos apostolados ou contribuísse com ajudas materiais. Quando o Pe. José María estava em Londres, Amelia Díaz-Guardamino ouviu-o falar da sua mãe: “A propósito das viagens ao seu país de origem, lembro-me de uma vez que foi a Madrid. Eram tão raras essas viagens, que nos esclareceu o motivo: «Dona Adela —sempre se referia assim a sua mãe— não está bem». A viagem foi muito curta e quando lhe perguntámos como estava a mãe, disse-nos: (...) «Convenci-a de que é muito

útil, que nos é muito precisa a todos, e restabeleceu-se». Novamente tinha actuado, além do seu carinho, o seu conhecimento da psicologia feminina. É verdade que quando o Pe. José María vivia em Madrid, fazia colaborar sua mãe de tal maneira em todas as nossas coisas, que tinha que sentir muito a sua falta. Sempre que havia convidados num Centro da Obra em Madrid, contávamos com a louça, copos, talheres e qualquer outro objecto de Dona Adela; mantinha-a sempre em alerta, mas isso era o que dava interesse à sua vida”.

O Pe. José María, ao recordar a sua ordenação, anos depois, na sua humildade, via-se a si mesmo indigno da eleição que o Padre tinha feito. Todavia, a fidelidade do Pe. José María demonstrou que aquela fé de S. Josemaria se apoiava no profundo conhecimento que tinha dos seus filhos.

Também destacava o Pe. José María: “É fácil imaginar o Padre naqueles dias, cheio de júbilo e de alegria; porque algo, cuja necessidade sentia tão vivamente, e pelo qual tanto tinha rezado e trabalhado, estava realizado. Ouvimos dizer ao nosso Padre que as ordenações das primeiras promoções lhe tinham dado uma grande alegria, mas, ao mesmo tempo, também pena. Uma pena que não era tristeza, mas a dor de perder para o apostolado da Obra uns leigos mais velhos, que eram tão necessários. Éramos tão poucos! Hoje em dia continua a sofrer por esta perda, mas o trabalho que esses irmãos nossos sacerdotes realizam por todo o mundo —elementos de unidade e de serviço— compensa amplamente a perda que supõe a ordenação dos nossos irmãos” [18].

Bem recordaria aqueles factos quando, durante algum tempo, colaborou na preparação dos fiéis do Opus Dei que se ordenaram sacerdotes nos anos seguintes. Além da formação litúrgica e pastoral, não faltavam recomendações práticas que o Pe. José María tinha ouvido directamente do Fundador. O Pe. Alfonso Par, ordenado em 1951, recordava: “As aulas do Pe. José María eram deliciosas. Ia ao cerne com profundidade e clareza. Fazia tudo por comunicar-nos a sua experiência sacerdotal. Era fruto da sua própria prática pastoral, vivida com uma fidelidade máxima à moral tradicional. Dava-nos conselhos que mais tarde me foram

muito úteis, sobre o modo mais adequado para orientar o caminho para solucionar problemas difíceis da vida, dar os conselhos mais apropriados, ter astúcia santa na pastoral... etc. Era um psicólogo nato, para além do seu sentido prático, da sua inteligência fora do comum e do seu grande coração, que lhe permitia, às vezes, ser um pouco áspero, mas ajudava muito”.

No verão de 1945 teve lugar um curso de formação espiritual para as mulheres do Opus Dei na casa denominada Los Rosales, localizada num município próximo de Madrid. Durou dois meses. Os três primeiros sacerdotes revezavam-se cada semana; quem estava de turno pregava diariamente um tempo de meditação, celebrava a Santa Missa, e passava a manhã a confessar e a dar aulas de formação até ao meio-dia. daquelas jovens saíram depois as que começaram o trabalho apostólico em Roma, Inglaterra, Estados Unidos, México, Guatemala, Chile, Colômbia, Venezuela... e muitos outros lugares de Espanha.

O Pe. José María viveu uma aventura especial desde o verão de 1945: a casa de retiros de Molinoviejo, uma quinta próxima de Segóvia, era propriedade de uns parentes. E conseguiu que a arrendassem por um preço razoável. Desde o primeiro momento serviu para o descanso e a formação espiritual e apostólica dos fiéis do Opus Dei e de outras pessoas.

A distribuição do trabalho sacerdotal dos três ordenados em 1944 era simples e ambiciosa: o Pe. Álvaro estava com o Fundador no governo e desenvolvimento da Obra. Os Pe. José Luis e José María encarregavam-se dos trabalhos de formação espiritual e apostólica promovidos pelos fiéis do Opus Dei; concretamente, o Pe. José María dedicou a maior parte do seu tempo às actividades dirigidas às mulheres. Também as cidades de Espanha se repartiam entre os dois últimos: Andaluzia para o Pe. José Luis, e Saragoça, Barcelona e Valência para o Pe. José María.

Desde o começo da sua actividade, o Pe. José María desenvolveu uma ampla tarefa de direcção espiritual com jovens universitários de Madrid, Barcelona, Valência... Tinha aprendido de S. Josemaria a cordialidade, a atenção pessoal e o afã de

ajudar cada alma. O Pe. Alfonso Par recordava isso das suas conversas com o Servo de Deus, em Barcelona: “O Pe. José María recebeu-me. Foi uma conversa amável e muito simples. Os dois éramos engenheiros. Entendemo-nos muito bem com poucas palavras. Contei-lhe o que me pareceu mais essencial da minha vida espiritual, dos meus estudos, dos círculos a que assistia, etc. Ao princípio eu estava um pouco receoso; mas aquele sacerdote tão natural inspirou-me muita confiança. Notei que percebia perfeitamente as minhas disposições interiores, que me conhecia e, além disso, que tínhamos um modo de pensar muito semelhante. (...) Gostei imenso da sua naturalidade e cativou-me a sua simplicidade, sem qualquer tipo de afectação, que transluzia o sentido sobrenatural que enchia o seu coração. Na realidade, aí estava o segredo”.

Entretanto, a expansão apostólica do Opus Dei por todo o mundo estava em andamento. Em 1945 começou o trabalho apostólico em Portugal; e em poucos anos, com o impulso de S. Josemaria, vários fiéis da Obra foram trabalhar profissionalmente a Inglaterra, França, Itália, Estados Unidos, México, Irlanda, Chile, etc. Em 1946 o Fundador mudou-se para Roma e, desde a Cidade Eterna, dirigiu o governo central da Obra.

[14] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 25-VI-1972, AGP, JHG, E-00074, p. 1.

[15] Cf. Federico REQUENA - Javier SESÉ, *Fuentes para la historia del Opus Dei*, ed. Ariel, Madrid 2002, p. 78.

[16] Citado em José Luis MÚZQUIZ, AGP, RHF, D-4417, p. 174.

[17] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 25-VI-1972, AGP, JHG, E-00074, pp. 2-3.

[18] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 25-VI-1972, AGP, JHG, E-00074, p. 1.

6- A atenção do trabalho apostólico do Opus Dei com mulheres

Desde o começo do seu sacerdócio, o Pe. José María trabalhou na promoção, desenvolvimento e formação das actividades da Obra com mulheres, e sempre teve presentes as recomendações de S. Josemaria. Aprendeu dele a prestar-lhes a ajuda oportuna para que elas crescessem com plena responsabilidade. O fundador tinha plena confiança nele. “Um dia, enquanto tomávamos o pequeno-almoço —contava Carmen Marco—, entrou o Padre acompanhado pelo Pe. José María. (...) O nosso Fundador pôs as mãos na cabeça dele e disse: Minhas filhas, eu pude ir para Roma porque deixei “Chiqui” convosco”.

O Fundador tinha projectos apostólicos muito ambiciosos para animar a vida espiritual dos que trabalhavam no âmbito da cultura, da educação, da saúde, da promoção social, etc.; assim o explicou a três delas no primeiro Centro da Obra para a atenção apostólica das mulheres, na rua Jorge Manrique, em Madrid. Encarnación Ortega contou o seguinte: “Estendeu um quadro sobre a mesa onde expunha as diferentes actividades que as mulheres do Opus Dei iam realizar no mundo. Só o facto de acompanhar o Padre, que no-las explicava vivamente, produzia sensação de vertigem: escolas para camponesas; diferentes centros de capacitação profissional para a mulher; residências universitárias; actividades da moda; centros de maternidade em diferentes cidades do mundo; bibliotecas circulantes que fariam chegar leituras boas e formativas até as terras mais remotas; livrarias... E (...), dobrando devagar o quadro, disse: — Perante isto, podem ter-se duas reacções. Uma delas é pensar que é algo muito bonito, mas quimérico, irrealizável; a outra é ter confiança no Senhor que, se nos pediu tudo isto, ajudar-nos-á a levá-lo por diante. Espero que tenhais a segunda”.

O Pe. José María conhecia muito bem e valorizava o génio feminino. Carmen Mouriz, com quem colaborou no trabalho de

governo do Opus Dei na Alemanha, lembra que, desde o princípio, tinha recebido o encargo de formar as mulheres do Opus Dei no espírito da Obra: “Daí que o chamássemos «Pe. José María, o nosso». Frequentemente pensei que sempre teria preferido estar perto do nosso Padre; no entanto, meteu-se plenamente naquilo que lhe tinha encomendado. Que bem aprofundou no modo de ser da mulher e que bem soube conhecer-nos e ajudar-nos a fazer o Opus Dei em tantos lugares!”.

O trabalho apostólico das mulheres do Opus Dei desenvolveu-se muito nesses anos. Por causa do seu encargo em relação às mulheres da Obra, o Pe. José María colaborou na instalação e arranque dos primeiros Centros de Madrid, Bilbao e Barcelona, e depois no resto da Espanha e Europa.

Em 1945 iniciaram-se dois Centros em Madrid: Los Rosales —a poucos quilómetros da capital— e Zurbarán. Encerrou o da rua Jorge Manrique, que tinha sido o primeiro. Recuperar-se-ia anos depois.

Desde o começo, o Pe. José María dedicou muitas horas à Residência para estudantes universitárias Zurbarán, no nº 26 da rua desse nome. Ali realizou um importante e paciente tarefa de direcção espiritual no confessionário, da qual saíram, com a graça de Deus, muitas universitárias que depois levaram o espírito do Opus Dei pelo mundo fora, exercendo a sua profissão. Assim lhe tinha pedido o Fundador da Obra. Alfonso Par Balcells evoca: “O segredo do Pe. José María, parece-me a mim, era que amava o nosso Fundador e a Obra com loucura. Sempre estava disposto a sacrificar qualquer coisa, ou qualquer assunto pessoal, para ser útil à Obra, da forma que fosse precisa (...). O Pe. José María expressava-o com a fórmula: «Quando uma pessoa se decide a não ser mesmo nada, então é eficaz». Ele sentia-se feliz negando-se a si mesmo!”.

Os sacerdotes do Opus Dei estão nos Centros de mulheres o tempo indispensável para a atenção sacerdotal: administração dos sacramentos, celebrações da Santa Missa e funções litúrgicas, e para as actividades de formação, tais como

meditações e aulas. O Pe. José María Hernández Garnica ocupou-se destes trabalhos prodigando generosamente o seu tempo. Adelaida Sánchez Revilla dizia: “Na realidade, ele esteve nos nossos Centros também o tempo indispensável para as funções que devia realizar, que naquele tempo eram muito precisas e necessárias. Portanto, o que era excepcional eram as funções que tinha encomendadas e que desempenhou de modo eficiente e eu diria, em minha opinião, de maneira santa. Porque deve ter-se santificado nem que fosse pela enorme paciência, desvelo e carinho —que é a melhor forma sobrenatural e humana da caridade— que manifestou nas suas actuações. O seu comportamento denota um esquecimento total de si mesmo e uma entrega amorosa, inteligente, abnegada, delicada e alegre à vontade de Deus”.

Ao mesmo tempo que desenvolvia esse trabalho, esforçava-se por ser delicado na guarda do seu coração e em manter as necessárias medidas de prudência. As pessoas que atendeu espiritualmente, como Sabina Alandes, não o esqueceram: “Lembro o Pe. José María sempre dedicado à nossa formação: era muito abnegado como sacerdote encarregado de atender a nossa residência; a sua dedicação foi total (...). Sempre nos tratou com uma delicadeza extraordinária e soube ter mil pequenos detalhes para ajudar-nos, pois estava atento ao que precisávamos para levar para a frente a casa, ou para a atenção apostólica.”

A sua pregação dilatava os anseios de apostolado. Chegariam longe, levando o Senhor até o último canto da terra e a todas as esferas da sociedade. Assim o indicava Dorita Calvo: “O amor a Deus do Pe. José María levava-o a um afã apostólico extraordinário. Falava-nos constantemente de que tínhamos que aproximar de Deus as almas de todo o mundo. Inculcava-nos com tanta força esta universalidade do apostolado que, por este motivo, atrever-me-ia a dizer, achávamos tão natural irmos para outros países para começar o trabalho, como já estávamos a fazer nesses anos”.

Como o que é importante é a formação pessoal, ajudava a que se pensassem bem as coisas: “Naquela época, eu era a

Directora em Los Rosales —dizia M^a Teresa Echevarría— e o Pe. José María pôs muito empenho em ensinar-me a trabalhar. Quando alguma lhe perguntava algo, respondia-me: “Vamos lá ver, tu como o farias?” E quando lhe dava a minha opinião, reforçava-a ou dava-me algumas razões que aconselhavam o contrário. Em qualquer caso, sempre me ensinava a pensar, a não recorrer ao remédio fácil e cómodo de perguntar tudo; a acostumar-me a utilizar a cabeça”.

Procurava que a formação fosse muito prática, segundo as circunstâncias. Como bom mestre, sabia fazer e desaparecer: “O Pe. José María —relembra Dorita Calvo— aparecia no momento em que precisávamos dele: no resto do tempo, desaparecia completamente, nunca se fez imprescindível. Tinha o dom da oportunidade para chegar sempre de improviso, justamente quando não sabíamos que caminho escolher. Não sei por que motivo, mas frequentemente, quando recordo como nos ajudava, vem-me à cabeça a devoção aos Anjos da Guarda, que muito nos inculcou. Dizia-nos: «Mas não abuseis deles, não vivais comodamente pensando que o Anjo da Guarda irá resolver tudo» e insistia que devíamos pedir-lhes coisas, mas fazê-las nós, sem esperar que no-las dessem resolvidas”.

Tinha aprendido, do Fundador do Opus Dei, a ter os trabalhos da Administração dos Centros muito dentro do coração, como o apostolado dos apostolados. Assim o dizia María Jesús Luna: “Mostrava uma especial atenção ou admiração pelo trabalho da Administração, interessando-se muito pelos pormenores que implicava, tanto se estavam relacionados com a cozinha, como com a limpeza, etc. Nunca vi que valorizasse mais outros trabalhos aparentemente mais brilhantes”. Além disso, sabia estar atento para que tudo andasse bem. Um dia, relata Carmen Mouriz, quando soube que numa residência de estudantes o quadro não estava coberto, com a conseguinte sobrecarga de trabalho, disse com fortaleza às que dirigiam esse trabalho doméstico: “Tendes de ter mais interesse pelas pessoas que dependem do vosso cargo; tendes de saber exactamente como estão, que fazem, que proporção de trabalho têm. Recai sobre vós a responsabilidade das Administrações e para que

possais contribuir com soluções adequadas, tendes de estar mais perto, não vos podeis desentender.”

A sua ajuda era constante, adiantando-se às necessidades espirituais e materiais: “Quando o conheci, conta Carmen Marco, notei que era a pessoa que resolveria os problemas que fossem aparecendo no dia a dia. Senti-me apoiada pelo irmão mais velho a quem se lhe podia dizer tudo, e se ele via que o podia fazer, fazia-o; e se dizia que não, é porque não era conveniente e, nesse caso, dava-me razões convincentes e ficava tranquila. (...) Era muito leal. Não permitia os auto-elogios, mas sabia ver todos os aspectos positivos das pessoas e das situações”.

O Pe. José María punha especial empenho em que se redigissem fichas de experiência em que se explicasse o modo de fazer cada trabalho, para que as pessoas que viessem a seguir, partissem do conhecimento adquirido pelas anteriores. Porque, como lembra em primeira pessoa Adelaida Sánchez: “Quando eu fazia isto, partia de zero, tinha vinte anos e até então não tinha feito outra coisa senão estudar. Em Espanha, naqueles anos, os alimentos estavam racionados e havia escassez de muitos deles; tínhamos pouco dinheiro e às vezes nada, o serviço doméstico era claramente insuficiente e a maquinaria inexistente. É claro que fazíamos os dias mais compridos e as noites mais curtas, éramos muito novas e com muito entusiasmo por fazer o Opus Dei. Nessa situação aprendemos a trabalhar assim, cientificamente e com sentido sobrenatural: aprendemos a santificar o trabalho fazendo-o com amor de Deus, como sempre nos ensinou o nosso Fundador. E nisto, também eu aprendi muitas coisas directamente do Pe. José María”. Além disso, ele evitava qualquer assomo de protagonismo. Tal como recordava Carmen Marco: “Quando já sabíamos fazer as coisas ou, pelo menos, distinguíamos se estavam bem ou mal feitas, desaparecia”.

A sua humildade e o seu espírito de serviço foram constantes na sua vida; não tinha direitos, mas deveres, e, como S. Josemaria, sabia, na opinião de Amparo Martín de Rosales, “o seu comportamento habitual era não se deixar servir e saber agradecer. Agradecia tudo”. Depois de muitos anos de trabalho

com as mulheres do Opus Dei em Espanha, o Pe. José María Hernández Garnica foi para a França. Um tempo depois, recorda Gloria Toranzos, veio a Madrid e foi a Zurbarán para um encargo concreto. “A pessoa que lhe abriu a porta não o conhecia e deixou-o sentado num banco de madeira que havia ao pé da escada. Ele conhecia a residência melhor do que ninguém e poderia ter subido à sala de estar ou ao oratório, mas esperou mesmo ao lado da porta de entrada. Quando saí e o vi ali sentado no banco dos fornecedores, desculpei-me. Ele tirou importância ao assunto e disse que estava ali muito cómodo. Admirou-me a sua humildade e também a fidelidade em seguir as orientações do Padre para não estar nos Centros de mulheres mais do que o imprescindível”.

7- Pelos caminhos da Europa

A sua entrega generosa e humilde fez com que o Fundador contasse cada vez mais com ele. Dos finais de 1954 aos primeiros meses de 1955, o Pe. José María e Alberto Ullastres fizeram uma longa viagem por América, para impulsionar o andamento dos apostolados que se tinham iniciado anos antes: Estados Unidos, Guatemala, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Chile e Argentina. Poucos meses depois, partiu novamente para efectuar um trabalho semelhante na Inglaterra e na Irlanda.

Mesmo que o Pe. José María tivesse terminado os seus estudos eclesiásticos em 1944, S. Josemaria desejava que os seus filhos sacerdotes obtivessem o doutoramento nalguma ciência eclesiástica. Por isso, em outubro de 1955 chamou a Roma o Pe. José María e outros mais. O Pe. Florencio Sánchez Bella, um deles, contava: “Frequentemente, Chiqui orientava-nos com as suas piadas e bom humor para que superássemos o cansaço que aqueles estudos levavam consigo. Bastava olhar para ele, acabando o seu doutoramento em Teologia com os seus quarenta anos, com a sua maturidade humana e sobrenatural, e homem de governo, e vê-lo a mexer-se com naturalidade, como mais um aluno, para nos sentirmos estimulados a fazer o mesmo. Era inteligente e tinha muito boa memória, e, além disso, era um bom trabalhador. Com umas e outras qualidades, fez os seus estudos com grande brilhantismo, embora procurasse que esse facto passasse o mais inadvertido possível”.

Depois de alguns anos de estudo, docência e investigação sobre a espiritualidade laical, aprendida directamente do Fundador do Opus Dei, o Pe. José María foi desenvolvendo o seu pensamento acerca da Teologia do laicado. Em abril de 1956, publicou um livro intitulado “*Perfección y laicado*”. Posteriormente, defendeu a sua tese de doutoramento em Teologia na Universidade Lateranense, em 1956, sobre “a moral nos sistemas económicos”. Ao regresso daquelas viagens, ficou um ano em Madrid, como Director Espiritual do Opus Dei em Espanha.

Em 1957, o Pe. José María Hernández Garnica foi nomeado Conselheiro do Opus Dei em França. Desde então, até 1972 viveu fora de Espanha, passando de um país para outro. Saboreou a alegria e o sofrimento dos começos do Opus Dei em diversos países europeus, onde o abrir caminho precisou de muita tenacidade e de enfrentar constantemente problemas novos: cultura, idiomas, alimentação, trabalho apostólico com pessoas provenientes de outras religiões, etc. Os que trabalharam com ele recordam a sua fé inquebrantável em Deus e a segurança de que, com a oração, o sacrifício e o trabalho constante, chegariam os frutos apostólicos.

Quando o Pe. José María chegou a França, em 1957, havia já vários anos que algumas pessoas do Opus Dei exerciam ali a sua profissão. “Os cargos são cargas”, costumava repetir S. Josemaria, e o Pe. José María vivia isto com naturalidade: “Pensei —dizia Amelia Díaz-Guardamino— nessa característica tão vincada do Pe. José María, que já tive oportunidade de verificar anos antes (...): o serviço aos outros, e muito concretamente às suas irmãs, pelas quais se desvelava em todos os aspectos. Para ele, ser o Conselheiro da França, era isso mesmo: servir os dessa Região, se for necessário também materialmente, e os cargos —como nos explicou tantas vezes nas aulas sobre o espírito da Obra—, não são uma honra, mas sim o dever de desvelar-se pelos outros”.

Nesse período, viveu na Inglaterra, Irlanda, França, Alemanha, Áustria, Suíça, Holanda e Bélgica, desempenhando tarefas de grande responsabilidade. Foi Director da Delegação de França entre 1957 e 1959; Delegado do Fundador para Inglaterra, França e Irlanda, desde setembro de 1959; em 1961 passou a ser Delegado para Alemanha e Áustria; em 1966 voltou a Inglaterra como Sacerdote Secretário Regional, em 1967 regressou à Alemanha, primeiro como Delegado, e em 1969 como Sacerdote Secretário. Nesses mais de dez anos recebeu ainda outros encargos do Padre, foi a Roma em diversas ocasiões, assistiu aos Congressos Gerais do Opus Dei, etc.

Os testemunhos de muitas pessoas que conviveram com ele neste tempo vão desenhando uma santidade heróica vivida com

naturalidade. Ao longo das páginas seguintes vamos referir-nos apenas a alguns aspectos do crescimento das suas virtudes.

Desde que foi nomeado Delegado do Padre para diversos países da Europa, o trabalho levou-o de um lugar a outro. A figura do Delegado, criada por S. Josemaria, tende a ser ponte de união entre o governo das diversas circunscrições do Opus Dei, que estava a estender-se por todos os cantos do mundo, e o governo central, com o Padre a dirigir, que está em Roma. Formando parte tanto do Conselho Geral como da Comissão Regional, é um instrumento de unidade no governo do Opus Dei. Além disso, estes encargos permitiam ao Pe. José María ir periodicamente a Roma e conviver com o Padre, enchendo-se do seu espírito e da sua força interior.

O Pe. José María realizou o trabalho de enraizar os apostolados do Opus Dei em cada país, com a graça de Deus e apoiado na sua fé, que muito se fortaleceu no seu convívio com o Padre nos anos 30, quando não havia quase nada. Assim o relata José Gabriel de la Rica, uma das pessoas com quem conviveu na Alemanha: “Quando o conheci, em 1963, apesar de que a Obra na Alemanha era uma coisa minúscula, falava do que chegaria a ser, com o tempo, com tal convencimento que sem uma fé gigante não se podia entender. Sem dispor de meios materiais e tendo os pés bem assentes na terra, animava-nos a lançar-nos a conhecer gente, a trabalhar por todo o lado, mesmo que não se visse o fruto do apostolado. (...) Trabalhava pensando no futuro, sem ter a menor dúvida de que a Obra se desenvolveria em todos os países, como efectivamente aconteceu”.

Verificar as poucas forças de que dispunha para a magnitude da tarefa, não o desanimava, nem o deixava cair na desesperança. Dizia-o ele mesmo numa meditação: “Se queremos ser fiéis à chamada de Deus e realizar um serviço efectivo e continuado, temos de ter presente que a acção principal é de Deus —a sua graça—, mas é também indispensável a acção instrumental do homem que realiza a sua própria acção, humana, que a graça de Deus eleva a sobrenatural. Esta acção instrumental requer umas disposições, uma formação e uma docilidade à acção divina” [19].

Confirma-o o Dr. Steinkamp em relação à Holanda: “Tinha uma grande fé em Deus. Era uma tónica constante nas suas conversas connosco: que tivéssemos fé em Deus. Os tempos dos começos de um trabalho apostólico são difíceis, mas nós somos o permanente. Fazia-nos considerar que o Fundador da Obra teve que superar muitos obstáculos, mas que a Obra sempre foi para a frente”.

Com a fé, a sua foi crescendo ao longo da sua vida. Convencido de estar embarcado num trabalho querido por Deus, o Pe. José María punha em jogo os seus talentos e confiava tudo à oração. Perante os encargos recebidos, apoiava-se no Senhor com segurança plena, confiado n’Ele e nos meios sobrenaturais: oração e penitência. Contava Alejandro Digón: “Não deixava de empreender qualquer trabalho apostólico, mesmo que fosse difícil, porque sabia que o Senhor daria o incremento” [20].

Chegou à Alemanha em 1961. A sua contribuição apostólica foi notável, como recordava o Pe. Alfonso Par: “Foi o Pe. José María quem colocou os fundamentos, deu as directrizes iniciais e contribuiu para o assentamento do trabalho apostólico na Alemanha. Quando ele chegou, nós não sabíamos como ir adiante (...) Com a sua chegada mudou tudo. Quer dizer, sentimo-nos seguros, protegidos e dirigidos. Foi como a mudança de um dia enevoadado para um dia de sol esplendoroso. A realidade exterior do trabalho, com as suas dificuldades objectivas, era a mesma, mas agora tudo ficava cheio de cor, de sentido e de vida, com uma visão clara e com perspectivas optimistas. (...) Para mim, ter o Pe. José María, era como ter o nosso Fundador junto de nós. O Pe. José María tinha identidade de critério, completamente leal ao seu espírito e, além disso, possuía uma inteligência excepcional e muito prática.

Unida à fé e à esperança está a caridade. O seu amor a Deus manifestava-se no cuidado com que realizava diariamente as práticas de piedade que tinha previstas, de modo particular as eucarísticas; assim o recordava Eileen Hourihan: “Infundia muita devoção o seu amor à Santa Missa e o modo de a celebrar. A maneira tão devota de beijar o altar, logo no começo, deixava ver que realmente, para ele, era o encontro mais importante do dia”.

Metia-se em Deus —recordava José Gabriel de la Rica— quando celebrava a Eucaristia: “Era visível o seu amor a Deus quando celebrava a Santa Missa. Concentrava-se nas palavras sem se distrair, lia devagar com esforço, porque ele tinha tendência para ler rapidíssimo. Podia ler na diagonal, mas na Missa parava em cada pausa e esforçava-se por pronunciar cada palavra”. Também estava recolhido quando dava a Bênção com o Santíssimo. Alguma das primeiras mulheres do Opus Dei, como Dorita Calvo, lembra que comentavam entre elas: “Como aperta a píxide contra o peito, depois de nos dar a Bênção com o Santíssimo!”. Precisamente nos anos posteriores ao Concílio Vaticano II, quando se produziram graves abusos em matéria litúrgica, o Pe. José María empenhou-se especialmente em viver com intensidade e unção os ritos estabelecidos pela Igreja. Sabia que só assim poderia orientar os fiéis do Opus Dei e as pessoas que atendia sacerdotalmente [21].

Tinha também uma grande devoção a Nossa Senhora. São numerosos os testemunhos do seu trato confiado e sereno com a Mãe de Deus. Venerava especialmente o Santo Rosário, em que sempre punha pequenas e grandes intenções.

Explicava, com graça, numa meditação, a entrega generosa aos outros: “Um dos segredos da vida cristã é que quanto mais damos, mais temos” [22]. O seu carinho e as suas delicadezas com os outros eram constantes. Sabia estar nos detalhes, como manifestam as atenções que prodigou a José Gabriel de la Rica, pouco depois de se mudar para Alemanha: “No dia seguinte de chegar, sem dúvida por causa do frio —estavam 17º de temperatura e uns dias depois 21º—, adoeci e o Pe. José María esteve continuamente atento comigo, embora eu só tivesse causado incómodos na casa. Ocupou-se comigo: se tinha frio, se comia, se estava a aprender alemão. A primeira impressão que me causou foi a de ter uma preocupação constante pelas pessoas da Obra”.

Por outro lado, a sua falta de ouvido não lhe facilitava aprender línguas, nem expressar-se adequadamente. O seu entusiasmo e entrega removiam mais do que as suas palavras. Quando ia aos diferentes países, ajudava em tudo o que fosse

preciso, material ou espiritualmente. A sua humildade e realismo levavam-no a servir sem gestos, mas também aceitando as suas limitações, como lembrava María Jesús Luna: “Na minha opinião, tinha certa dificuldade de expressão; no entanto, possuía dom de gentes, inspirava grande confiança, tinha muito sentido de humor, sabia fazer brincadeiras com grande delicadeza, carinho e oportunidade”.

Era forte, feroso, alegre, com garra. Não tinha a capacidade de expressão que seria desejável, talvez porque os seus pensamentos eram demasiado rápidos. No entanto, esforçava-se por procurar exemplos que facilitassem a compreensão do que queria comunicar.

Outro aspecto decisivo na sua personalidade era o realismo cristão, com indicava o Prof. Inciarte: “Se eu tivesse que dizer o que mais me chamava a atenção no Pe. José María, depois dos muitos anos que convivi com ele, diria que era, sem dúvida, a extraordinária mistura de realismo e de espírito sobrenatural. «Mistura» não é aqui uma palavra muito apropriada. A impressão que tinha e tenho dele, é que ambos os ingredientes —o espírito sobrenatural e o realismo, ou, melhor, naturalismo— faziam já, cada um de por si, cem por cem da sua atitude ante a vida. Isto permitia-lhe analisar os acontecimentos e os seus protagonistas com uma total agudeza e falta de paliativos, e, ao mesmo tempo, com um espírito de compreensão especificamente cristãos.

Tudo isto parece muito normal na sua vida, mas deve ter-lhe exigido muito sacrifício, como precisava o Pe. Alfonso Par: “Não se deve pensar que o encargo de vir para Alemanha e ocupar-se de levantar e fazer ressurgir o trabalho apostólico, fosse coisa fácil para o Pe. José María. Não só havia a dificuldade objectiva em si —começar o trabalho apostólico num país com características tão diferentes e com uns elementos humanos pouco apropriados— mas, além disso, era preciso ter em conta o aspecto subjectivo relativo à sua própria pessoa. Em primeiro lugar a idade, pois na altura passava dos cinquenta. A essa idade já não se está para aventuras, incomodidades materiais; frequentemente tínhamos que cozinhar nós mesmos; as viagens, as deslocações; e, sobretudo, ter que lidar com uma mentalidade

tão diferente, etc. (...) Que bem soube prescindir dos seus gostos pessoais e entregar-se com entusiasmo ao trabalho que o nosso Fundador lhe pediu! E quanto se interessava pelo seu novo país! E que bem conhecia e estimava os alemães!”.

A sua confiança em Deus levava-o ao convencimento de que o Opus Dei se realizaria no mundo e, portanto, obedecia delicadamente aos Directores do Opus Dei, como conduto da vontade de Deus. Tempo depois, numa meditação de 1972, falando de disponibilidade e de confiança em Deus, como quem o tem bem experimentado, o Pe. José María dizia: “O meu novo trabalho, pelo labor ou pelo lugar, terá exigido alguma renúncia ou uma nova organização, mas o meu trabalho será aliciante para continuar a servir e para ver a utilidade do meu trabalho e a bondade de Deus, que faz frutificar a boa vontade de servir a Obra e a ajuda que prestou aos outros” [23].

Essa confiança convertia-se em caminho maravilhoso de obediência, essencial na vida apostólica: “Aceitemos o que dizem os Directores —dizia na mesma meditação— e depois os factos virão confirmar-nos que aquilo era razoável e dirigido para o nosso bem. Tem de ser, portanto, uma aceitação alegre, e não a contragosto ou como quem faz um favor extraordinário. Deste modo, a nossa vida será de paz para nós mesmos, e os encarregados de decidir poderão ponderar as suas decisões melhor e mais rapidamente, e com maior eficácia” [24]. Agradecia as correcções que lhe faziam, e mais ainda se vinham do Padre. Numa ocasião, recordava Crucita Tabernero, disse: “Se o nosso Padre nos faz uma advertência, temos que agradecer-lhe muito a confiança que mostra corrigindo-nos e receber a correcção com naturalidade; porque se somos frouxos, o nosso Padre não poderá corrigir-nos”.

Por outro lado, o Pe. José María expunha as exigências da entrega de um modo atractivo, com luzes novas: “Não se pode esquecer que temos de pôr no nosso relacionamento apostólico uma simpatia pessoal, que é a manifestação de fazer as coisas com entusiasmo e carinho, e não como um pau mandado; assim contribuiremos para que os assuntos da nossa Fé e da nossa vida interior deixem de ter um aspecto árido e aborrecido” [25]. A

liberdade era essencial nesse espírito, com tinha aprendido do Fundador do Opus Dei: “Sinto-me livre —dizia o Pe. José María— aceitando toda essa doutrina que a Obra nos proporciona. Valorizo-a, aprecio-a e vejo-me feliz quando a recebo e quando contemplo todas as possibilidades que essa doutrina contém” [26]. Anos mais tarde, Carmen Mouriz recordava essa característica da formação que dava o Pe. José María: “Imprimiu em mim, para sempre, algo fundamental do espírito do Opus Dei, que até esse momento não tinha pensado na sua necessária radicalidade: a liberdade individual do homem e a sua responsabilidade em toda a sua actuação. Nunca me lembro de ter sentido o «peso» de ter que ser santa e de ter que fazer apostolado, mas o entusiasmo de contagiar o amor de Deus a todo o mundo”.

Quando estava com o Fundador do Opus Dei, mesmo depois de anos de relacionamento, o Pe. José María continuava a emocionar-se, porque via nele a pessoa escolhida por Deus para abrir e marcar o caminho. Assim dizia Amelia Díaz-Guardamino: “Nas duas tertúlias que tivemos, uma antes e outra depois do almoço, comoveu-me ver o Pe. José María ao pé do nosso Padre; era a primeira vez que tinha oportunidade de o ver e a sua atitude ficou-me muito gravada: não tirava a vista do nosso Padre, ouvia as suas palavras com verdadeira veneração e estava atento às suas mínimas insinuações; desaparecia ao lado do Padre. Era a imagem do filho fidelíssimo que sempre quis ser”.

A confiança do Fundador no Pe. José María foi constante ao longo dos anos; valha como exemplo uma simples carta que lhe enviou para Paris: “Caro Chiqui: que Jesus te guarde. Só duas letras, para acusar recibo da tua última carta, que me deu muita alegria. E também para dizer-te que passes por Inglaterra e por Irlanda, antes de vir ao Convívio. Tenho muitas saudades de verte” [27]. Outras vezes escrevia para pedir-lhe ajuda e, ao mesmo tempo, facilitar-lhe o descanso: “Só umas *letricas*, para dizer-te que me dará muita alegria se puderes vir a Roma durante o Convívio (...), que começará a vinte do próximo fevereiro: espero-te por volta do dia dezoito e assim descansarás umas semanas e nos ajudarás nesse trabalho” [28].

É comovedor outro detalhe de afecto de S. Josemaria, ao facilitar que o Pe. José María fosse a Madrid para acompanhar sua mãe nos seus últimos momentos: “Acaba de chegar a tua carta, e escrevo-te estas linhas para dizer-te que me dará muita pena se não estás ao pé da tua mãe nestes dias, que podem ser os últimos da sua vida mortal. Vai: leva-lhe todo o meu afecto e a minha bênção. Embora o Senhor tenha querido deixar-vo-la na terra até chegar a ser tão anciã, eu peço à Santíssima Virgem que, se é conveniente, vo-la deixe mais tempo” [29]. Faleceu meses mais tarde e o Padre voltou a escrever-lhe: “Esperei por poder enviar-te em mão estas letras, para dizer-te o muito que encomendei ao Senhor a alma de Dona Adela, embora estou certo de que estará junto de Deus, depois de uma vida longa e exemplar. Rogo-te que faças presente aos teus irmãos a parte de que compartilho da vossa dor, e diz-lhes que não deixo de oferecer sufrágios. Dou graças a Deus por ter-te feito ir a Madrid e teres podido estar junto da tua mãe no último dia do seu onomástico” [30].

As cartas que o Pe. José María escrevia para Roma, contando os sucessos grandes e pequenos do trabalho apostólico na Europa, eram um grande apoio para o Fundador da Obra: “A tua carta encheu-me de consolação vendo quanto me ajudas, com a tua oração e o teu sacrifício, a levar a carga que o nosso Jesus coloca sobre os meus ombros, e que, sabes bem, frequentemente é muito pesada. O meu coração enche-se de alegria ante as contínuas manifestações de zelo ardente e da visão sobrenatural com que todos trabalhais” [31].

Nestes anos, estive umas temporadas breves em Roma, onde trabalhou com S. Josemaria e recebeu o ânimo do seu espírito e da sua palavra. A sua regra de vida sempre foi: fidelidade ao espírito do Opus Dei e, portanto, obediência ao seu Fundador. O seu carácter forte e a consciência de ter um tesouro nas mãos fazia com que, andasse por onde andasse, desejasse impulsionar o trabalho apostólico tal como faria S. Josemaria.

Durante essa época, o Pe. José María Hernández Garnica desempenhou diversos cargos de governo na Obra, sem dar-se nenhuma importância e sem estar apegado aos cargos. A sua

preocupação era passar inadvertido e servir os outros. Quando era preciso, sabia reconhecer os seus erros. Custava-lhe contar coisas pessoais, como puderam apreciar os que com ele conviveram, tal como Luis Carrión: “Não falava de si mesmo e, quando o forçávamos a fazê-lo por qualquer motivo, por exemplo a narração de acontecimentos de história da Obra, contava os acontecimentos com simplicidade e precisão, mas procurando ficar ele mesmo modestamente na sombra”. Se lhe perguntávamos por algum facto histórico do Opus Dei em que tivesse participado, sabia desviar a resposta para o Fundador, expressando a ideia de que junto dele era muito natural viver a vida de fé, porque ele a comunicava.

A escassez de meios nunca o travou no desenvolvimento do trabalho apostólico, nem sequer quando já tinha uma idade avançada e apareceram os primeiros problemas de saúde. A rinite e sinusite crónica que padecia faziam com que estivesse constipado frequentemente. Todavia, o clima húmido, as precipitações e as baixas temperaturas do inverno na Europa central, não o impediam de fazer vida normal, com bom humor, porque oferecia a Deus esses incómodos. O aspecto sobrenatural e humano iam-se enlaçando harmonicamente na vida do Pe. José María. O seu gosto pelos arranjos domésticos, adquirido nos seus tempos de juventude em Ferraz, converteu-se em algo providencial. Um dia, por exemplo, era preciso um altar para o novo Centro de mulheres de Amsterdão e, ante a falta de dinheiro e de tempo, o Pe. José María arregaçou as mangas e, com paciência, gosto e bom fazer, fabricou um altar. Quando acabou, escreveu umas palavras repetidamente meditadas durante a execução do trabalho: *lesu, lesu, esto mihi semper Iesus*.

A sua irmã María, com o seu marido, foram uma vez visitá-lo a Paris. O Pe. José María quis mostrar-lhes o Centro de Rouvray. Mostrou-lhes também “o Oratório onde ele tinha trabalhado muito no retábulo, na carpintaria do altar e no policromado. A sua irmã, quando o viu, disse isso era um milagre da Obra. Porque, de criança «eras um desajeitado, desmanchavas um relógio e depois sempre te sobravam peças». Ele respondeu: «a graça de Deus actua quando precisamos dela»”.

Também procurava conseguir meios económicos, como recordava José Miralles: “procurava trabalhos de tradução para espanhol de textos de engenharia (...). Assim contribuía para as receitas do Centro, sem deixar de estar em casa. Passava horas a trabalhar na máquina de escrever”. Preocupava-se por pedir dinheiro e ensinar os outros a fazê-lo. Dizia a Carmen Mouriz: “o que temos que fazer é semear; por isso, se vais fazer uma diligência económica, vai sempre acompanhada para que essa pessoa vá aprendendo, porque é muito fácil dizer que é preciso pedir dinheiro, mas há que aprender a fazê-lo, portanto, tu leva sempre alguém contigo. (...) Era fácil, porque ele ia sempre à frente, abrindo caminho; segui-lo acabava por ser uma coisa simples”.

Outro aspecto importante da vida do Pe. José María era o desejo de estudar. Não deixava de cultivar a ciência teológica e, embora não se tivesse dedicado à investigação, tinha uma grande clareza de ideias nas questões de actualidade; sabia aplicar com precisão a doutrina à vida. Levava os alunos ao núcleo teológico, visto que dominava a Sagrada Escritura e a Tradição patrística.

O final dos anos 50 e os primeiros dos 60 supuseram um grande marco na Igreja: a preparação, celebração e recepção do Concílio Vaticano II, que trouxe uma doutrina muito rica, da qual a Igreja extraiu frutos magníficos. Por outro lado, surgiram algumas sombras, sobretudo, naqueles países onde ia viver o Pe. José María nos anos seguintes. Rebrotaram algumas correntes filosóficas dos começos do século XX, que buscam afirmar as suas teses, não na letra do Concílio, mas no que se denominou o “seu espírito”. A dolorosa aparição de um fenómeno de contestação dentro da Igreja que tentava minar a autoridade do Magistério, fez sofrer o Papa, os pastores e os fiéis. Ao mesmo tempo que se produziam situações de desorientação nalguns sacerdotes e leigos, a situação de bem-estar e opulência derivados do desenvolvimento económico começou a secularizar muitos ambientes em prejuízo da fé.

A esmerada preparação intelectual do Pe. José María foi-lhe de grande utilidade para a sua vida interior e para formar as

peessoas que se aproximavam do trabalho do Opus Dei numa Europa sumida, primeiro, na crise do pós-guerra europeu; e, depois, na confusão —nalguns ambientes— da recepção do Concílio Vaticano II. Por isso, o rasto que deixava o Pe. José María era positivo, como lembra Amparo Martín de Rosales, que assistiu às suas aulas: “Nunca lhe ouvi um comentário negativo, desesperançado ou carecido de fé. Sempre realista, falava de dar doutrina. E dizia-nos: — Viemos para aprender. Há tantas coisas boas nesta terra!: o amor a Nossa Senhora, o espírito de trabalho, a solidariedade (...). Formai-vos bem doutrinalmente e dai formação a todas. Doutrina e carinho pelas pessoas, amizade de verdade”.

Ao mesmo tempo, consciente da grave situação e da escassez de possibilidades reais de muitos cristãos correntes de entrarem no debate teológico, o Pe. José María expressava, com grande sentido comum, a necessidade de dar formação doutrinal através do apostolado pessoal. Para ele, o estudo da fé não era algo erudito, nem só para alimentar a própria vida espiritual, mas tinha sempre um objectivo apostólico; “fiz minha a doutrina e ao fazê-la minha sinto-me obrigado, por lealdade e responsabilidade, a que os outros a conheçam, a apreciem e também a façam sua. Essa responsabilidade está tão metida na minha vida, que vejo claramente que, se não me preocupo por difundir a Verdade, essa mesma verdade por mim possuída dilui-se e fico em perigo de perder para a minha vida essa Verdade —esse dom de Deus— antes bem possuída” [32].

A sua capacidade para aculturar-se em cada novo país era verdadeiramente admirável. Rapidamente apreendia o modo como deve viver um cristão coerente: que tipo de imprensa valia a pena ler e que jornais devem estar presentes num lar cristão.

“A alegria e a paz que dá a fé cristã bem vivida são consoladoras. Jesus Cristo não nos deixou órfãos: deu-nos a Igreja e, com Ela, a segurança de dispormos sempre da consolação dos sacramentos, especialmente os da Penitência e da Eucaristia” [33]. Seguiu fielmente o que tinha disposto o Fundador do Opus Dei acerca de manter um relacionamento fluido com as autoridades eclesiásticas, informando-as do

trabalho apostólico, para viver a unidade com o Bispo de cada lugar. O Pe. Alfonso Par relata acerca dos seus anos na Alemanha: “Ele ia-nos indicando o que devíamos fazer, os pontos concretos que devíamos abordar, a informação constante do trabalho que fazíamos, pormenores de deferência que devíamos cuidar, tanto com o Cardeal Frings, como com o Dr. Teusch e com os restantes membros da Cúria de Colónia, etc.”.

Por outro lado, grande parte do trabalho apostólico que realizava pelos países europeus levava-o a conhecer e dar-se com muitos luteranos, calvinistas e anglicanos. Era bem consciente do que os separava em matérias doutrinárias, mas também de que só com um diálogo confiado poderia crescer o necessário clima de confiança mútua. Ao ver com quanto carinho eram tratados nos Centros do Opus Dei, muitos daqueles homens e mulheres mudavam as suas disposições em relação à Igreja Católica. Desta maneira, o Pe. José María foi o conduto para que a graça de Deus actuasse e se dessem retornos à plena comunhão com a Igreja. Tinha aprendido este modo de actuar do Fundador do Opus Dei.

As mudanças sociais e culturais na Europa do fim dos anos 60 realizaram-se vertiginosamente. Entre os anos 1966 e 1969, houve uma verdadeira revolução na Europa, especialmente entre a gente jovem. Um pouco depois, em Barcelona, em 1972, o Pe. José María dava um passeio num colégio de rapazes. A moda dos cabelos compridos tinha chegado a Espanha com algum atraso. Assim o conta Adolfo Llorente: “Lembro-me perfeitamente de um acontecimento que reflecte como respeitava e defendia a liberdade e o modo de actuar e de ser de todas as pessoas. Uma manhã de domingo passeava com o Pe. José María e com outro que costumava acompanhá-lo. Passou por nós um rapaz com o cabelo bastante comprido e com uma barba espessa, coisa que, naqueles anos, não era frequente. Quem vinha connosco disse, na brincadeira «eu, a estes, rapava-lhes a cabeça e fazia-lhes a barba a seco». Na altura, o Pe. José María não disse nada, mas pouco depois escreveu num caderninho, porque mal podia falar por causa da sua doença, perguntando-me se entre os meus alunos havia algum rapaz com barbas ou com cabelo comprido.

Ante a minha resposta, um tanto veemente «nem nada que se pareça», escreveu no seu caderno: «Isso é tirania» e acrescentou um comentário sobre o respeito que devemos ter pela liberdade e o modo de fazer de todas as pessoas, como sempre defendeu o Padre”.

[19] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 30-IV-1972, AGP, JHG, E-00067, p. 2.

[20] Alejandro DIGÓN GUZMÁN, AGP, JHG, T-00016, p. 1

[21] Para a situação criada entre os fiéis, cf. Joseph RATZINGER, *Informe sobre la fe*, ed. BAC, Madrid 1985, pp. 131-143.

[22] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 21-IV-1972, AGP, JHG, E-00066, p. 3.

[23] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 8-V-1972, AGP, JHG, E-00070, p. 2.

[24] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 8-V-1972, AGP, JHG, E-00070, p. 3. 1993, p. 265.

[25] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 9-VI-1972, AGP, JHG, E-00072, p. 3.

[26] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 9-VI-1972, AGP, JHG, E-00072, p. 2.

[27] Josemaria ESCRIVÁ DE BALAGUER, *Carta* 9-X-1959, AGP, RHF, EF-591009-1.

[28] Josemaria ESCRIVÁ DE BALAGUER, *Carta* 13-I-1967, AGP, RHF, EF-670113-1.

[29] Josemaria ESCRIVÁ DE BALAGUER, *Carta* 8-VI-1964, AGP, RHF, EF-640608-1.

[30] Josemaria ESCRIVÁ DE BALAGUER, *Carta* 4-XI-1964, AGP, RHF, EF-641104-2.

[31] Josemaria ESCRIVÁ DE BALAGUER, *Carta* 15-XII-1969, AGP, RHF, EF-691215-1.

[32] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 9-VI-1972, AGP, JHG, E-00072, p. 2.

[33] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Meditaciones*, 21-IV-1972, AGP, JHG, E-00066, p. 3.

8- Doença e morte

O Pe. José María desde a sua juventude, por causa da lesão renal, tinha tido uma saúde delicada. Além disso, suportava com naturalidade uma psoríase, que o impedia por temporadas de utilizar o cabeção, substituindo-o —com a devida licença— por colarinhos de camisa brancos, por fora da batina.

Com o tempo, apareceram outras doenças, como pequenos carcinomas na pele, com aspecto de verrugas, que tiveram que ser extirpados em 1962.

Obedecia às indicações médicas, embora por vezes lhe custasse. Recordava-o Alfonso Par, na Alemanha: “No ano 1968 ou 1969, os médicos recomendaram-lhe que fizesse exercício. Para ele, isto significava um esforço e um vencimento considerável, já que não gostava minimamente de fazer exercício físico. Era desportista “de televisão”; sabia muito de futebol, de cavalos, etc., mas nunca o vi praticar qualquer desporto, nem no verão, nem em nenhuma outra ocasião. Quando os médicos lhe deram esse conselho, conseguiu que a sua irmã lhe oferecesse uma bicicleta, dessas de rodas pequeninas, que na altura eram muito utilizadas. A partir desse dia saía de bicicleta da casa da Comissão para os outros Centros onde tinha que celebrar a Santa Missa, ou realizar outras actividades sacerdotais”.

A partir de 1970 a sua saúde começou a definhar seriamente. Tantos anos de entrega sem limites, vividos com extraordinário bom humor, começaram a passar factura ao seu organismo. A doença que agora sofria era uma hérnia abdominal: em março de 1970, na Clínica da Universidade de Navarra, diagnosticaram ser necessária a operação, por causa do tamanho e das dores que lhe causavam.

Em 1972, no fim de janeiro, o Pe. José María chegou novamente a Pamplona para ser tratado de problemas na garganta. Custava-lhe cada vez mais a deglutição dos alimentos e a pronúncia de algumas palavras. Os exames a que foi

submetido mostraram uma paralisia de parte da língua. Começaram os estudos e as provas para averiguar a causa.

Ao mesmo tempo que ficava nas mãos dos especialistas, realizou uma grande actividade apostólica. Tinha o tempo muito ocupado, tal como o Padre gostava de pedir aos seus filhos sacerdotes. Não fazia mais do que continuar com a tónica de toda a sua vida de entrega. Dizia Alejandro Digón, que conviveu com ele em Colónia: “O Pe. José María não tinha um estado de saúde normal, devido às várias operações cirúrgicas que lhe fizeram na última época da sua vida, e ao cancro de pele. Todavia, enquanto teve um mínimo de força física, sobrepunha-se ao esgotamento e lutava por cumprir o plano de vida e o plano de trabalho de uma maneira normal, que quer dizer heróica. Demostrava a mesma fortaleza na energia com que propunha os planos apostólicos na região de Alemanha.

Em Pamplona, o Pe. José María entrosou plenamente na vida do seu Centro. Ajudou-os a viver de um modo prático a pobreza e o bom gosto na manutenção da casa. Por exemplo, sugeriu melhorias na decoração: desde fazer uma Via Sacra para o Oratório com uns restos de umas ripas que sobraram de outro trabalho, até procurar detidamente umas cadeiras que deviam ser compradas para a sala de jantar.

O Pe. José María, no fim da sua vida, como desde o começo da sua entrega ao Senhor, exigia-se muito. O seu carácter — forte, sereno, racional— levava-o a não ceder à comodidade de empregar mais tempo do que o devido para fazer uma coisa. A todos os que conviviam com ele admirava-lhes a sua rapidez a ler o jornal no pequeno-almoço; resumia as notícias e com castiço sotaque madrilenho dizia: “Ao trabalho!”.

Entretanto, a doença continuava o seu curso. Nesses meses escreveu à máquina várias meditações para que fossem lidas no oratório, já que não podia pregar de viva voz. Como tinha paralisada grande parte da língua, costumava tomar papas e líquidos, e procurava a maneira de poupar trabalho a quem se ocupava de preparar esses alimentos. Tentava comer o que lhe punham a frente, embora cada vez lhe causasse mais dores. Em

certa ocasião, quem o acompanhava notou que a passagem da comida estava a produzir-lhe muita dor. Disfarçadamente procurou servir-lhe menos puré no prato. O Pe. José María deu logo por isso e, sorrindo, disse que lhe servisse tudo, acrescentando que havia muitas coisas pelas quais oferecer esses incómodos.

Enquanto pôde, celebrou a Santa Missa com toda a unção possível. A sua piedade naqueles dias atraía e estimulava. A sua maneira de adorar depois da Consagração, com a cabeça rendida, ficou bem gravada na alma de todos.

Neste tempo, continuava atento às necessidades dos países da Europa e do trabalho que neles se realizava. Escrevia numa carta para o Conselheiro do Opus Dei na Holanda: “Sinto imensa alegria por ouvir as boas notícias da Holanda. Vê-se logo que já começou a luta e questão de insistir, não ceder e continuar a pedir ao Senhor, por intercessão de Nossa Senhora, que conserve o nosso espírito e a família continuará a crescer. As notícias de Utrecht são óptimas. Ter um novo local onde pôr o pé, numa cidade diferente, é um enorme aliciente. Suponho que, como todo o crescimento, trará problemas consigo mas, como nos diz o Padre, não há rosas sem espinhos. Rezo todos os dias pelo vosso trabalho e por vós” [34].

No dia 22 de março teve uma crise cardíaca bastante grave. Enquanto o levavam para a Clínica da Universidade de Navarra, o Pe. José María pediu aos que o acompanhavam que lhe fossem repetindo jaculatórias ao ouvido. Nessa ocasião, quando passou diante do porteiro da quinta, cumprimentou-o afectuosamente. O porteiro ficou notavelmente impressionado pela caridade e o carinho desse pormenor. Dias depois repetiu-se o alarme; no entanto, o Pe. José María conseguiu superar esses problemas cardíacos.

Neste tempo, teve a dita de estar com S. Josemaria. O Fundador do Opus Dei passou uns dias em Pamplona na primavera desse ano. Um dia, o Pe. José María colocou-se escondido num canto da sala de estar do Colégio Maior Aralar, onde decorria uma reunião familiar. Estava atento às palavras do

Padre como se fosse a primeira vez que as ouvia. Quando acabou a tertúlia, um dos que conviviam com ele, fez notar a presença do Pe. José María. O Fundador da Obra chamou-o logo e esteve um bom tempo a falar a sós com ele. Dias depois, o Pe. José María dizia com simplicidade: “Eu fiz o que me parecia que tinha que fazer: não incomodar”. E dirigindo-se a quem deu o aviso ao Padre, acrescentou: “E tu fizeste o que penso que tinhas que fazer”.

O Pe. José María passou algumas semanas estabilizado, com alguma melhoria. A 13 de setembro fizeram-lhe uma biopsia e verificaram a existência de um carcinoma de células escamosas com um grau moderado de diferenciação. Viram ser necessário começar logo um tratamento de radioterapia de cujo efeito dependeriam as possibilidades de cura. Para o realizar, viram as possibilidades de o fazer no M. D. Anderson Hospital, de Houston (Texas) ou no Hospital do Cancro, de Manchester. No entanto, os médicos consideraram que poderia fazer-se a mesma técnica e obter os mesmos resultados em Barcelona, com o Dr. Luis Salvador, que tinha sido Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Navarra. Estava perfeitamente capacitado para realizar o tratamento que necessitava o Pe. José María: contava com o instrumental e a competência necessários.

Quando lhe comunicaram o diagnóstico definitivo e as possibilidades de tratamento, o Pe. José María acolheu com muita serenidade toda a informação recebida. Nesses dias chegaram-lhe umas letras de S. Josemaría: “Recebi a tua última carta e dei muitas graças ao Senhor por esse novo diagnóstico, que me faz pedir ao Senhor e a Nossa Bendita Mãe, ainda com mais insistência, a tua cura. Agradeço também à Santíssima Virgem a paz e o abandono que quer manter na tua alma. Continua assim, meu filho, que as tuas dores são um clamor de oração a Jesus Cristo Nosso Senhor por esta sua Santa Igreja” [35].

Plenamente consciente da sua gravidade, o Pe. José María mudou-se para Barcelona, e foi preparando a sua alma para o caso de entregar a sua vida ao Criador, sem deixar de impetrar a sua cura para servir a Deus e à Igreja. Nestes últimos meses, o

seu heroísmo fez-se mais patente no cultivo das virtudes humanas e sobrenaturais. Foi mais intensa a sua purificação pela dor, e cresceram também a sua alegria e seu bom humor, fruto do exercício da filiação divina e da sua união com a cruz de Jesus Cristo.

Quando lhe perguntavam como estava, ou se tinha dormido bem, respondia sorridente “muito bem” ou “como as próprias rosas”. Os Directores imediatos e os médicos sabiam da intensidade das suas dores e das suas constantes insónias. Nessas circunstâncias, o Pe. José María aumentava a sua preocupação apostólica e a vida de piedade. Só assim se entende que suportasse com tanta categoria humana e sobrenatural esses grandes sofrimentos. Tendo perdido a fala, devia fazer as suas sugestões ou advertências através de terceiras pessoas. Ajudou os que estavam à sua volta a serem mais fiéis ao espírito do Opus Dei, com imenso carinho e com clareza.

A primeira impressão dos médicos de Barcelona não foi muito favorável. Apenas tinham a esperança de poderem deter o processo. Não confiavam em que pudesse haver uma recuperação sensível: descartaram que melhorasse a deglutição ou a fala.

Vivia num Centro da Obra, nas redondezas da cidade, em San Cugat del Vallés, para facilitar-lhe o descanso. As dores eram cada vez mais fortes. Os médicos davam-lhe calmantes, também para que dormisse à noite. Em qualquer caso, sentia muitos incómodos. Houve uma altura em que lhe saltaram as lágrimas: “É preciso muito optimismo para viver assim: comer é um nojo para mim e um tormento para todos. Mas vale a pena lutar para viver com minúscula e depois Viver, com maiúscula”. Rapidamente mudou e recuperou o seu sentido do humor habitual. Ia respondendo ao tratamento muito melhor do que os médicos esperavam. Isto não queria dizer que os incómodos fossem menores, mas tinha reduzido a tumoração em 30%, aproximadamente, de tal modo que podiam explorar a garganta, coisa que era impossível quando chegou a Barcelona.

O seu maior sofrimento foi deixar de celebrar a Santa Missa e, depois, nem sequer poder comungar. Nessa altura aumentou o seu cuidado amoroso do plano de vida espiritual: oração, Santo Rosário, jaculatórias, e também a repetição das comunhões espirituais. Com bom humor, mas também com clareza, queixava-se dos gastos que estava a ocasionar: “mau investimento estais a fazer”. Ao mesmo tempo, deixava-se estimar por quem o atendia.

A 22 de novembro mudou-se por umas horas da Clínica Quirón, onde tinha sido internado uns dias antes, para um Centro do Opus Dei, em Barcelona. Ali o viu S. Josemaria pela última vez. O Pe. José María quis que cuidassem os detalhes dessa entrevista, para que o encontrasse muito bem, “pelo menos externamente”, disse com bom humor. O Padre chegou por volta da uma da tarde e deu um abraço muito forte a esse seu filho já gravemente doente.

No dia 3 de dezembro, o Pe. José María começou a ter pequenas hemorragias; na opinião dos médicos, em princípio não eram graves. Todavia, ele escreveu um bilhete —já não podia falar— em que dizia: “os médicos dizem que não têm importância; mas eu digo que não têm mais importância que a importância que têm”. E entregou o escrito com um sorriso cheio de abandono e serena alegria.

Assim se chegou ao dia 7 de dezembro. “Da parte da manhã, enquanto fazia oração com quem o acompanhava, começou a ter uma hemorragia que apresentava um aspecto pior do que as anteriores; chamaram o sacerdote que o atendia espiritualmente, que se apresentou logo que possível, por volta das 9 horas da manhã. Quando chegou, o Pe. José María acenou como cumprimento e a seguir o sacerdote deu-lhe várias vezes a absolvição; o Pe. José María estava atento às absolvições, muito atento, como que a absorver as graças que recebia com o sacramento. Pouco depois faleceu, com uma paz e uma serenidade invejáveis. Eram por volta das 9:30. Chegaram os que traziam os santos óleos e o sacerdote administrou-lhe a Unção dos doentes” [36].

Tinham decorrido trinta e sete anos de entrega no Opus Dei, anos de serviço incondicionado ao Senhor, procurando viver com fidelidade o espírito que tinha recebido directamente de S. Josemaria. A vida do Pe. José María está já incorporada para sempre na história do Opus Dei. Além disso, a sua peregrinação por tantos países da Europa, levando a semente do Evangelho, fazem dele um modelo de santidade no meio do mundo para as pessoas das mais variadas culturas e mentalidades. Pode ver-se no Pe. José María um apóstolo da Europa, quando entrevemos a realidade de uns países europeus mais unidos do que nunca.

Após saber do seu falecimento, o professor Inciarte disse: “Recebi a notícia da sua morte quando estava a tomar o pequeno-almoço em Stadtwaldgürtel e escapou-se-me um «graças a Deus». Porque sabia quanto tinha sofrido durante a sua vida, e incomparavelmente mais, no fim da sua vida; e desde então não me abandonou a sensação de ter vivido bastantes anos da minha vida com alguém que, no fim e de um modo bastante directo, tinha alcançado definitivamente a santidade”. E Amparo Martín de Rosales, Directora da residência de Lovaina, dizia: “Desde que foi para o Céu, sempre pedi muitas coisas ao Pe. José María e nunca duvidei de que o veríamos nos altares”.

São muitas as pessoas, de toda a classe e condição, que recorreram a Deus nestes anos para pedir pelas suas necessidades espirituais e materiais através do Pe. José María Hernández Garnica. A sua fama de santidade foi-se estendendo por todo o mundo.

No dia 28 de fevereiro de 2005 teve lugar em Madrid a Abertura do Processo diocesano de vida, virtudes e fama de santidade do Servo de Deus José María Hernández Garnica, que encerrou a 17 de março de 2009. Agora compete à Congregação das Causas dos Santos o estudo da Documentação recolhida no processo.

Seguramente, estas simples linhas servirão para que, conhecendo a sua heroicidade na prática das virtudes, sejam muitas mais as pessoas que recorram à sua intercessão e se beneficiem do exemplo da sua vida.

[34] José María HERNÁNDEZ GARNICA, *Carta a Hermann J. Steinkamp*, 3-II-1972, AGP, JHG, A-00075, p. 1.

[35] Josemaria ESCRIVÁ DE BALAGUER, *Carta 20-IX-1972*, AGP, RHF, EF-720920-1.

[36] Joaquín Ibarz, AGP, JHG, T-01238, p. 1.

Autor

José Carlos Martín de la Hoz, (San Fernando, Cádiz, 1955). Sacerdote. Licenciado em Ciências Geológicas pela Universidade Complutense de Madrid e Doutor em Teologia (Especialidade de Teologia Histórica e História da Teologia) pela Universidade de Navarra. Fundador das Academias de História Eclesiástica de Sevilha y Valência, das que foi Secretário Geral.

Forma parte do Instituto para o estudo da Escola de Salamanca. Entre as suas publicações destacam-se: *La Iglesia en América: Siglos XVI-XX* (Madrid, 1992); *Enigmas de la Iglesia*, 3 vols. (Córdoba, 1996 y 1997, Valência 1998); A edição crítica de “*Las Relecciones Escriturísticas inéditas de Domingo de Soto*” (Salamanca, 2005); *Causas de Canonización y milagros* (Bilbao, 2009); *La Historia de la Iglesia en España* (Madrid, 2009); *Inquisición y confianza* (Madrid, 2010) e *El Islam y España* (Madrid, 2010). Actualmente dirige a Oficina para as Causas dos Santos do Opus Dei em Espanha e é Postulador de diversas Causas.